

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DE MINAS GERAIS - CAMPUS OURO PRETO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE GEOGRAFIA – PROFGEO – IFMG**

Geraldo Martins Amaral

**GEOGRAFIA E LITERATURA: um olhar para o lugar a partir da obra A caverna
de José Saramago**

Ouro Preto – MG
2025

GERALDO MARTINS AMARAL

**GEOGRAFIA E LITERATURA: um olhar para o lugar a partir da obra A caverna
de José Saramago**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Geografia em rede do Instituto Federal de Minas Gerais - Campus Ouro Preto para obtenção do título de Mestre em Ensino de Geografia.

Orientador: Dr. Eduardo Henrique Modesto de Moraes
Linguagens no Ensino de Geografia
Geografia Escolar

Ouro Preto – MG

2025

A485g

Amaral, Geraldo Martins.

Geografia e Literatura [manuscrito] : um olhar para o lugar a partir da obra A Caverna de José Saramago / Geraldo Martins Amaral. – 2025.
111 f. : il.

Orientador: Eduardo Henrique Modesto de Moraes.

Dissertação (mestrado) - Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto, 2025.

1. Linguagem literária. 2. Lugar. 3. Geografia escolar. I. Moraes, Eduardo Henrique Modesto de. II. Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto. III. Título.

CDU: 910:82

Catálogo: Kelly Cristiane Santos Moraes - CRB-6/3217



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS
Campus Ouro Preto
Diretoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional
Rua Pandiá Calógeras, 898 - Bairro Bauxita - CEP 35400-000 - Ouro Preto - MG
- www.ifmg.edu.br

FOLHA DE APROVAÇÃO TRABALHO FINAL MESTRADO

GERALDO MARTINS AMARAL

GEOGRAFIA E LITERATURA: UM OLHAR PARA O LUGAR A PARTIR DA OBRA A CAVERNA DE JOSÉ SARAMAGO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Geografia em rede do Instituto Federal de Minas Gerais - Campus Ouro Preto para obtenção do título de Mestre em Ensino de Geografia.

Orientador: Dr. Eduardo Henrique Modesto de Moraes
Linguagens no Ensino de Geografia Geografia Escolar

Aprovado(a) em 25 de setembro de 2025, pela Banca Examinadora: Prof. Dr(a). Eduardo Henrique

Modesto de Moraes - IFMG *Campus Bambuí* -

Orientador(a)

Prof. Dr(a). Fernando Gomes Braga - IFMG *Campus Santa Luzia*

Prof. Dr(a). Juliana Lopes Lelis de Moraes - IFMG *Campus Bambuí*



Documento assinado eletronicamente por **Eduardo Henrique Modesto de Moraes, Professor**, em 27/10/2025, às 16:23, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Gomes Braga, Professor**, em 03/11/2025, às 08:35, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Lopes Lelis de Moraes, Professora**, em 17/11/2025, às 12:00, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.ifmg.edu.br/consultadocs> informando o código verificador **2501709** e o código CRC **A803BDAB**.

23213.001957/2024-59

2501709v1

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Dr. Eduardo Henrique Modesto de Moraes, pela orientação segura, pela dedicação, pelas contribuições essenciais e pela confiança depositada ao longo de todo o processo de pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Geografia em rede - PROFGEO do IFMG, pela qualidade do ensino, pela abertura ao diálogo e pela construção de um ambiente acadêmico desafiante e colaborativo.

Aos colegas de turma e amigos que dividiram aprendizados, discussões, dificuldades e conquistas. A convivência com vocês e suas histórias de vida, tornaram essa jornada possível.

À minha família, pelo amor incondicional, paciência, incentivo e compreensão durante todo o percurso. Sem o apoio constante de vocês, este trabalho não seria possível.

Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro que viabilizou o desenvolvimento desta pesquisa.

Por fim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta dissertação, deixo aqui o meu sincero agradecimento.

RESUMO

GEOGRAFIA E LITERATURA: um olhar para o lugar a partir da obra A caverna de José Saramago

A proposta desse trabalho é fazer uso da linguagem literária, para pensarmos o aprendizado geográfico do conceito de lugar, no contexto da educação básica. Para isso utilizamos a obra literária A caverna do autor José Saramago e buscamos, assim, a reflexão do aluno acerca do seu espaço de vivência, por meio de análises das personagens, visando ao aprendizado geográfico dentro dessa relação. Com a iniciativa de educar pela pesquisa, pretendemos então que o aluno possa desenvolver um pensamento reflexivo, compreendendo melhor as relações que se estabelecem no lugar onde vivem. Para desenvolver esse trabalho nos referenciamos em autores que dialogam com uma proposta de uma Geografia humanista e cultural, a qual defende o pensamento de união/aproximação entre diferentes áreas do conhecimento e o entendimento do sujeito numa perspectiva holística de aprendizado. A valorização do conhecimento trazido pelo aluno e o envolvimento com o lugar de morada é que nos guiará nesse trabalho.

Palavras-chave: Linguagem literária. Lugar. Geografia escolar.

ABSTRACT

GEOGRAPHY AND LITERATURE: a look at place from the perspective of José Saramago's The Cave

The purpose of this work is to use literary language to reflect on the geographical learning of the concept of place in the context of basic education. To do so, we use José Saramago's literary work *The Cave* and seek to encourage students to reflect on their living space through character analyses, with a view to learning geography within this relationship. With the initiative of educating through research, we aim to enable students to develop reflective thinking, better understanding the relationships established in the place where they live. To develop this work, we referenced authors who dialogue with a proposal for humanistic and cultural Geography, which advocates the idea of union/approximation between different areas of knowledge and the understanding of the subject from a holistic perspective of learning. The appreciation of the knowledge brought by the student and the involvement with the place where they live will guide us in this work.

Keywords: Literary language. Place. School Geography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Localização do Distrito de Vila Nova Floresta (Paca) na cidade de Governador Valadares – MG.....	54
Figura 2 – Vista aérea do Distrito de Vila Nova Floresta (paca), na cidade de Governador Valadares – MG.....	55
Figura 3 – Vista aérea da Penitenciária Francisco Floriano de Paula, localizada no distrito de Vila Nova Floresta.	56
Figura 4 – Vista aérea da Escola Estadual Antônio Job da Cruz, no distrito de Vila Nova Floresta, Governador Valadares - Minas Gerais.....	57
Figura 5 – Percepções sobre o Café Geográfico Literário e o momento de leitura coletiva.....	60
Figura 6 – Percepções sobre o momento de leitura coletiva.....	61
Figura 7 – Percepções sobre a ligação entre o lugar literário e o lugar de vivência do aluno.	62
Figura 8 – Percepções sobre aproximação entre a literatura e o espaço de vivência.	63
Figura 9 – Percepções sobre a categoria lugar a partir da leitura literária.	64
Figura 10 – Vista da área de entrada da Escola Estadual Antônio Job da Cruz, localizada no distrito de Vila Nova Floresta.....	72
Figura 11 – Pátio da Escola Estadual Antônio Job da Cruz.....	72
Figura 12 – Olaria de produção de peças de barro, na cidade de Governador Valadares, Minas Gerais	73
Figura 13 – Forno usado para cozimento das peças feitas de barro, que foram utilizadas para servir o café geográfico literário, na apresentação do livro A caverna aos alunos.	73
Figura 14 – Preparação da sala de aula do 3º Ano do Ensino Médio, para fazermos a apresentação do livro A caverna de José Saramago.	74
Figura 15 – Apresentação do banner, café geográfico literário.....	75
Figura 16 – Café geográfico literário.	76
Figura 17 – Café geográfico literário.	76
Figura 18 – Café geográfico literário.	77
Figura 19 – Café geográfico literário.	77

Figura 20 – Momentos de lazer nos intervalos das leituras coletivas, debates e produções autorais.....	78
Figura 21 – Momentos de lazer nos intervalos das leituras coletivas, debates e produções autorais.....	78
Figura 22 – Momentos de leitura coletiva e reflexão no campo de futebol.....	79
Figura 23 – Momentos de leitura coletiva e reflexão no campo de futebol.....	79
Figura 24 – Momentos de leitura coletiva na biblioteca da Escola.	80
Figura 25 – Momentos de leitura coletiva na biblioteca da Escola.	80
Figura 26 – Capa tematizada dos cadernos de pesquisa.....	81
Figura 27 – Capa tematizada dos cadernos de pesquisa.....	82
Figura 28 – Capa tematizada dos cadernos de pesquisa.....	83
Figura 29 – Registro de leitura do livro A caverna em casa.....	84
Figura 30 – Registro de leitura do livro A caverna em casa.....	85

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Objetivo geral	13
1.2 Objetivos específicos.....	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 Geografia e literatura: possibilidades de diálogo	14
2.2 Sobre a Geografia Escolar: uma reflexão necessária	19
2.3 Educação geográfica pela pesquisa.....	22
2.4 Lugar, experiência e Literatura	26
2.4.1 Uma obra literária: A caverna do autor José Saramago.....	26
2.4.2 Aproximações humanistas na Geografia Escolar a partir do Romance A Caverna, de José Saramago	28
2.5 Aspectos geográficos em A Caverna: o olhar para o lugar na obra de Saramago	31
2.6 A caverna, o lugar e migração sob a perspectiva da Geografia escolar	44
3 METODOLOGIA	53
3.1 O contexto da pesquisa	54
3.2 A escola.....	56
3.4 Os princípios metodológicos	57
3.5 Atividades desenvolvidas.....	58
3.6 Analisando resultados do estudo	59
4 CONCLUSÃO	66
REFERÊNCIAS	70
APÊNDICE	72
APÊNDICE A – Imagens da realização do trabalho	72
APÊNDICE B - Produto técnico – Caderno Pedagógico	86

1 INTRODUÇÃO

A utilização da linguagem literária como recurso pedagógico no processo de aprendizagem da Geografia na educação básica está vinculada ao fortalecimento da Geografia escolar, concebida como um campo que reconhece o estudante enquanto sujeito capaz de desenvolver pensamento reflexivo. Nesse contexto, a aprendizagem geográfica visa à compreensão das relações socioespaciais que se estabelecem no lugar em que o discente está inserido.

Os desafios enfrentados pela escola pública estão postos, e o caminho para a construção de uma educação escolar significativa revela-se tão extenso quanto desafiador. As experiências docentes na área, especialmente na educação básica, evidenciam que o processo de aprendizagem da Geografia no contexto escolar apresenta obstáculos consideráveis, envolvendo distintos atores na dinâmica de produção do conhecimento. Nesse sentido, a vivência profissional como docente de Geografia indica a existência de um distanciamento entre as propostas contidas nos livros didáticos e as experiências concretas dos estudantes. Tal descompasso contribui para o desinteresse dos discentes pelo estudo e pela reflexão acerca dos espaços de suas vivências, repercutindo de forma significativa tanto na formação acadêmica quanto na formação cidadã desses sujeitos.

Na mesma perspectiva, observa-se uma dificuldade recorrente no desenvolvimento do hábito de leitura no ambiente escolar, seja como meio de busca por conhecimento, seja pelo prazer literário. Tal situação interfere diretamente na capacidade de reflexão sobre os temas estudados e na observação dos espaços de vivência, bem como nas relações que se estabelecem entre o sujeito e o lugar em que está inserido.

Ao transpor essa realidade para o ensino de Geografia, compreende-se que a leitura, de modo geral — e, especificamente neste estudo, a leitura literária —, pode contribuir significativamente para a superação das dificuldades de interpretação e de compreensão de temas geográficos. Essa constatação reforça a importância de um trabalho interdisciplinar que articule diferentes áreas do conhecimento em prol de um mesmo objetivo: ampliar a capacidade leitora, crítica e reflexiva dos estudantes, fortalecendo, assim, o sentimento de pertencimento ao lugar.

Desse modo, ao assumir o desafio de integrar duas áreas do conhecimento — Linguagens e Ciências Humanas —, busca-se refletir sobre o aprendizado geográfico do estudante a partir de análises mediadas pela linguagem literária, em consonância com a proposta de educar pela pesquisa. É importante ressaltar que os autores literários não se dissociam de seus contextos geográficos e culturais ao se dedicarem à escrita de suas obras. Pelo contrário, tanto as escolhas linguísticas quanto a seleção dos temas abordados mantêm relação, direta ou indireta, com o percurso de vida desses autores e com os lugares que marcaram suas existências.

Nesse sentido, no que se refere à linguagem literária, este estudo toma como referência a obra *A caverna*, de José Saramago, publicada em 2000 pela Companhia das Letras. Nesse romance, o protagonista — Cipriano Algor, oleiro de profissão — é confrontado com o desafio de lidar com a rejeição das peças de cerâmica que produz artesanalmente, em razão da substituição desses produtos por modelos de plástico fabricados em larga escala pela indústria.

O contexto vivenciado pela personagem Cipriano interfere diretamente em sua relação com o lugar de vivência, uma vez que ele se vê obrigado a migrar para outro espaço, expressando, assim, opiniões, sentimentos e reflexões. O autor, por sua vez, oferece ao leitor a oportunidade de refletir sobre diversas categorias de análise geográfica, tais como lugar, paisagem, território, região, capitalismo, globalização e desigualdade social, entre outras.

José Saramago, escritor português, nasceu em 1922, na vila de Azinhaga. Proveniente de uma família de origem humilde, mudou-se ainda na infância para Lisboa, onde viveu a maior parte de sua vida, enfrentando diferentes dificuldades, inclusive de ordem financeira. Residiu em moradias compartilhadas e exerceu diversas profissões, como pintor, serralheiro e tradutor, até consolidar-se como escritor reconhecido internacionalmente. Ao longo de sua trajetória, publicou inúmeras obras nas quais abordou temas relevantes, refletindo e assumindo posicionamentos críticos sobre questões como o capitalismo, a sensibilidade humana e a construção do discurso científico. Em 1998, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura pela obra *Levantado do chão*. Durante sua vida, o autor manteve-se engajado em movimentos em defesa da democracia e de uma sociedade mais justa, vindo a falecer em 2010.

A partir de uma leitura geográfica do romance *A caverna*, de José Saramago, busca-se identificar elementos que permitam refletir sobre uma Geografia Literária em ato, evidenciada nas personagens e nos conflitos apresentados ao leitor. Nesse contexto, Cipriano Algor, personagem principal da narrativa, depara-se com a desvalorização de seu trabalho artesanal e sua consequente substituição por uma produção em série. Essa aproximação entre Geografia e Literatura, e as conexões que dela emergem, contribuem para a ampliação da compreensão do lugar de vivência do estudante e, neste caso específico, do fenômeno do transnacionalismo no município de Governador Valadares (MG), particularmente no distrito de Vila Nova Floresta, lugar em que se desenvolve este estudo.

Diante do exposto, considera-se que a presente pesquisa se mostra relevante por possibilitar o desenvolvimento de habilidades e competências essenciais ao estudante da educação básica, no contexto da Geografia escolar voltada ao aprendizado por meio da pesquisa geográfica. Tal abordagem favorece a compreensão de aspectos relacionados à realidade vivenciada pelos discentes e, ao mesmo tempo, estimula a produção acadêmica a partir da integração entre Literatura e Geografia, configurando-se como uma possibilidade de ampliação do conhecimento no processo formativo do sujeito e em sua relação com o lugar em que vive.

Destaco que o interesse pela literatura acompanha-me desde o ensino fundamental, período em que se consolidou minha apreciação tanto pela Geografia quanto pelo romance literário. O contato com a obra de José Saramago teve início por meio do livro *Levantado do Chão*, o que despertou um profundo apreço pela forma como o autor utiliza a imaginação poética para suscitar reflexões de caráter geográfico. A partir dessa leitura, o interesse por suas demais obras intensificou-se, sobretudo pela maneira como Saramago aborda conflitos diversos, despertando nos leitores emoções, sentimentos e posicionamentos críticos diante das vivências apresentadas em seus textos.

Nesse sentido, evidencia-se a relevância de desenvolver trabalhos que reduzam a fragmentação temática, favorecendo a integração de conteúdos dentro da própria área em diálogo com outras. Essa perspectiva permite discutir de que forma as experiências e emoções das personagens podem estimular a curiosidade e a reflexão sobre a experiência do lugar e os conceitos de geograficidade. Assim, nossa

pesquisa intenciona responder à pergunta: Uma proposta de trabalho geográfico a partir da linguagem literária, presente no livro *A caverna* de José Saramago, poderia contribuir para uma reflexão a respeito da categoria lugar, relacionando-o às experiências vividas em Vila Nova Floresta – Governador Valadares?

Para tanto, foram definidos os objetivos — geral e específicos — que nortearam esta pesquisa, os quais estão apresentados a seguir:

1.1 Objetivo geral

Este trabalho tem como objetivo geral fazer uso da linguagem literária como contribuição ao ensino da geografia escolar.

1.2 Objetivos específicos

- ✓ Analisar estudos teóricos que apontam a importância da aproximação entre Geografia e Literatura.
- ✓ Explorar no aprendizado pela pesquisa, a categoria geográfica lugar, numa perspectiva humanista e fenomenológica, presentes na obra *A caverna*.
- ✓ Relacionar a obra “*A caverna*”, de José Saramago, a elementos que contribuem no entendimento da migração - como fenômeno local, que afeta a vida dos estudantes.
- ✓ Construir um produto pedagógico que auxilie o professor no desenvolvimento do trabalho no tocante à união da Geografia escolar e Literatura no contexto educacional.

Dessa forma, procede-se ao desenvolvimento das bases teóricas que sustentam este trabalho. Destacam-se estudos relevantes que investigam o trabalho pedagógico em Geografia escolar, a interlocução desta com a linguagem literária, bem como as possibilidades de obtenção de resultados mais consistentes quando se adota uma abordagem de Geografia humanista e cultural no estudo do lugar de vivência.

Em seguida, apresenta-se o percurso metodológico adotado para a realização da proposta de atividades, articulando a obra *A Caverna* ao estudo da categoria geográfica lugar, proporcionando uma reflexão sobre aspectos presentes tanto no romance quanto no distrito em que residem os estudantes e o pesquisador.

Nessa perspectiva, procede-se à análise das atividades realizadas, considerando tanto os aspectos positivos quanto os desafios que marcaram o desenvolvimento da pesquisa, o que permitiu evidenciar a relevância da proposta.

Por fim, apresenta-se a conclusão do trabalho, evidenciando aspectos da realidade das aulas de Geografia escolar, ao mesmo tempo em que aponta possíveis caminhos para futuras pesquisas que explorem novas perspectivas sobre o ensino e a aprendizagem dessa disciplina. Além disso, destaca-se a elaboração do produto técnico, materializado em um caderno pedagógico, cujo tema central é o estudo da categoria lugar a partir da obra *A caverna* de José Saramago, desenvolvido a partir das análises e reflexões produzidas ao longo da pesquisa. Esse material busca contribuir de forma prática para o aprimoramento das práticas docentes em Geografia, oferecendo subsídios metodológicos e didáticos alinhados às necessidades identificadas no contexto investigado.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Geografia e literatura: possibilidades de diálogo

Pensar o ensino de Geografia num entrelaçamento com a Literatura é acreditar assim como Marandola Jr (2010) que a Literatura produz um conhecimento criativo, estimulando o pensamento e a imaginação. A leitura de romances literários permite que os alunos se aproximem de diferentes espacialidades, possibilitando uma percepção mais crítica do mundo, contribuindo também numa leitura sensível. Por sua vez, Dardel (2015) defende que o conhecimento geográfico não está apenas no livro de Geografia, mas principalmente no mundo. O que sinaliza a importância de um olhar que vá além do espaço da sala de aula, evidenciando outros que apontam as vivências do estudante, indicando que a Geografia por meio de obras literárias pode explorar conceitos geográficos, que associados a um aporte teórico, tendem a contribuir na aprendizagem do aluno.

Nessa perspectiva, a possibilidade de interação entre a linguagem literária e a aprendizagem de conceitos desenvolvidos na Geografia escolar mostra-se bastante relevante. O exercício da leitura literária pode estimular a percepção de aspectos discutidos na obra, que estejam presentes no contexto social do aluno.

E essa relação entre a Geografia e Literatura não é recente. Tanto que, no século XIX, a Geografia ganha força paralelamente ao movimento de crescimento das viagens exploratórias, que, de certa forma, ofereciam elementos importantes para estudos geográficos. Viagens essas as quais eram também impulsionadas pela Sociedade Geográfica, uma instituição de abrangência internacional, conforme Amorim Filho (2010). De acordo com esse mesmo autor, a referida força institucional, em destaque na França, contribuiu no crescimento da produção e difusão de obras literárias, as quais, refletiam conceitos por meio de diferentes enfoques, como por exemplo, os Romances essencialistas; aqueles Realistas intimistas de costumes; os e viagens e os Romances geográficos de exploração e de aventuras.

Tais escritos literários assinalaram a aproximação entre a Geografia e a Literatura, pois a linguagem literária podia despertar o interesse pelos temas abordados, incentivando ainda mais os estudos e a busca pelo conhecimento geográfico. Reforçamos, portanto, a importância da Geografia nesse século, especialmente com o crescimento das viagens exploratórias e o papel da Sociedade Geográfica, destacada por Amorim Filho, que observa:

Para se ter uma ideia do entusiasmo dos franceses pelas viagens de exploração geográfica naquela época, basta acrescentar que, incluindo a Literatura de exploração de Paris, foram criadas em cidades grandes e médias da França, durante o século XIX, nada menos do que trinta e cinco sociedades geográficas. É significativo assinalar que a quase totalidade dos viajantes exploradores europeus do século XIX e do início do século XX filiados às sociedades geográficas, eram, total ou parcialmente, patrocinados por elas e, ao retornarem, apresentavam seus resultados, relatos orais e relatórios. (Amorim Filho, 2010, p. 85).

Essa força institucional e os círculos de afinidades contribuem no fortalecimento da Geografia da época, que de certa forma vai impulsionando a retomada de valorização dessa importante forma de pensar a Geografia.

Conforme estudos realizados, os autores Berdoulay, (2017), assim como Marandola Jr (2021) concordam ao destacarem a importância de revistas e universidades para a difusão de ideias da época. Segundo os mesmos, podemos entender que quando se relacionam fatores internos e externos de um determinado período em torno de uma proposta de pesquisa, isso contribui para a compreensão e desenvolvimento epistemológico de uma determinada área. Berdoulay, (2017) afirma ainda que “O estudo da institucionalização estabelece, assim um marco preciso entre fatores internos e fatores externos, pois o processo se situa precisamente na

interseção da ação desses fatores”. Além disso, o debate e intercâmbios intelectuais são fundamentais para o avanço do conhecimento geográfico. Assim, se pensarmos na importância dos relatos advindos das viagens exploratórias que eram objetos de estudo para pesquisadores do campo da Geografia, teremos uma noção da relevância dessa parceria para o desenvolvimento e ampliação de estudos na área. Essas interações enriquecem o campo de estudo, proporcionando novas perspectivas e abordagens.

Um exemplo certo da interação entre a Literatura e Geografia ao longo do tempo é Júlio Verne. Ele produziu grandes obras, sendo que muitas delas foram adaptadas para filmes e peças teatrais. Apesar de pouco valorizado pela literatura Francesa durante muitos anos, o autor é citado por V. Berdoulay (2017) como um dos grandes que contribuíram na formação da escola francesa de Geografia, já que o uso de suas obras tinha o propósito e a capacidade de alcançar um vasto público e suscitar a curiosidade Geográfica dos jovens. Confirmando essa contribuição literária de Verne, como forma de incentivar o gosto pela Geografia, Amorim (2010) destaca que Júlio Verne tinha consciência das transformações epistemológicas da Geografia. Acreditamos que o olhar sensível da linguagem literária pode alcançar e refletir aspectos importantes que compõem os espaços e situações reais.

No mesmo século XIX a força da Literatura como potência na compreensão geográfica do mundo ganha relevância, destacando suas contribuições ao desenvolvimento da Geografia Humanista. De acordo com Amorim (2010) as obras de Júlio Verne, através de suas personagens, heróis, lugares visitados e mares navegados, desempenham um papel crucial nesse contexto. Verne não só destaca a importância da Geografia na compreensão do mundo, mas também contribui significativamente para o desenvolvimento da mesma.

Assim, nesta releitura ampliada de parte da obra de Júlio Verne, uma primeira surpresa foi a constatação de quão geográfica ela é. Mesmo quando se trata de descrever alguma ação carregada de perigo e emoção, os aspectos geográficos estão, de algum modo, presentes. Qualquer leitor de Júlio Verne, independentemente de idade, gênero, condição socioeconômica e nível de educação, terá, ao terminar sua leitura, melhorado em muito seu mapa mental de nosso mundo. Mas, o mais importante é que será, daí em diante, mais humano e solidário, tendo em vista os valores humanistas que perpassam todas as histórias de Júlio Verne. São valores republicanos, num tempo em que grande parte da Europa era monarquista. (Amorim Filho, 2010, p. 85).

Fica evidente pelo excerto que mesmo diante de episódios de ficção, os quais envolvem sentimentos, emoções através da leitura mais sensível, a escrita da literatura é capaz de mostrar ao leitor aspectos geográficos que permeiam a realidade, provocando reflexões e novas e/ou outras formas de se perceber o/no mundo.

Assim como as demais áreas da ciência, a Geografia tem se transformado ao longo do tempo, com diferentes correntes, para refletir e interpretar o espaço geográfico. Desde as perspectivas tecnicistas, neopositivistas ou crítica, percebemos mudanças, ramificações e/ou adaptações na epistemologia da Geografia. Reconhecemos que essa ampliação traz contribuições para a ciência, pois a tendência é que todas as correntes desempenhem importantes papéis na consolidação da Geografia.

No entanto nos últimos anos, principalmente a partir da década de 70, novas abordagens vêm propor novos olhares e maneiras de pensar a Geografia, valorizando outras perspectivas em relação percepção da forma como o ser humano se relaciona com o espaço. Essas novas correntes geográficas oferecem uma visão mais abrangente e inclusiva, valorizando percepções, cognições e representações do espaço de vivência de maneira intersubjetiva. Tais abordagens são de base fenomenológica, portanto, humanista. Amorim Filho destaca essas transformações da Geografia ao dizer que

Nas últimas décadas e em diferentes partes do mundo, observou-se o desenvolvimento de correntes geográficas que privilegiam temas e abordagens não contemplados pelos paradigmas dominantes, sejam eles cientificistas (neopositivistas), crítico-radicais (neomarxistas) ou tecnicistas (SIG e Sensoriamentos Remotos). Dessas abordagens alternativas, fazem parte os estudos das percepções, cognições e representações do ambiente geográfico e de seus lugares e paisagens valorizados, agrupados sob a denominação geral de geografias humanísticas ou humanistas, com bases epistemológicas mais flexíveis, procuradas nas filosofias fenomenológicas e existencialistas. (Amorim Filho, 2010, p. 79)

Ressaltamos, portanto, que a aproximação entre Geografia e Literatura não é um movimento recente. Essa iniciativa de buscar o conhecimento geográfico por meio do romance literário tem crescido nas décadas de 70, juntamente com o desenvolvimento dessa Geografia Humanista-Cultural. Nas obras literárias, entendemos assim como (Marandola, 2010); Amorin (2010) e Souza (2022), que a geograficidade, está presente nas narrativas literárias. Ou seja, aspectos geográficos são muitas vezes evidenciados em obras de ficção, representando uma preocupação do autor literário com inquietações sociais, manifestações culturais e espaciais. Da

mesma forma a interpretação poética do espaço estimula o provoca novas formas de perceber e compreender as relações espaciais.

Diversos geógrafos tem valorizado a parceria entre a Geografia e outras grandes áreas do conhecimento, como é o caso da aproximação da Geografia com a Filosofia através da qual se busca a valorização do sujeito também em suas dimensões emocionais, reforçando o entrelaçamento da Geografia Humanista com bases fenomenológicas, conforme assegura Marandola Jr (2021).

Embora muitos autores defendam que essa aproximação entre Geografia e Filosofia de Base Fenomenológica seja de grande contribuição para a compreensão geográfica, é importante ressaltar que ela também é ponto de crítica de alguns autores, como é o caso de Souza (2022, p. 117) quando afirma o seguinte “se bem que, na prática, o diálogo com a Filosofia tem sido, comumente, pifo e ralo”.

No nosso caso, preferimos acreditar na relevância dessa aproximação, por entendermos que um entrelaçamento de saberes é tecido pelos fios do entendimento. Por isso, seguimos valorizando a liberdade poética com olhar de prospecção e arrepios de sensibilidade geográfica.

Estudos apontam que a integração da literatura no ensino de Geografia escolar, promove uma melhor compreensão das dinâmicas espaciais e culturais. Além disso, essa abordagem interdisciplinar fortalece o aprendizado ao conectar conceitos geográficos com experiências humanas. Através das narrativas literárias, os alunos podem explorar diferentes contextos e perspectivas, desenvolvendo uma visão mais holística do mundo. Dessa forma, o ensino de Geografia torna-se mais envolvente e significativo, estimulando a curiosidade, a reflexão e criatividade.

A partir desse entrelaçamento de saberes, é possível construir uma conexão mais profunda entre a Geografia e Literatura. Procurando entender o envolvimento do Homem com a Terra, Dardel (2015) destaca a necessidade de olhar para esse homem/sujeito/aluno, por inteiro. Assim, identificar o conhecimento geográfico demanda um olhar em torno da própria existência. Um posicionamento holístico de análise do conhecimento geográfico se apresenta em diferentes manifestações artísticas. Em consonância com essa forma de pensar o conhecimento, a Geografia quando destaca a análise de obras literárias numa perspectiva geográfica, caminha

na direção de ações assertivas de uma Geografia escolar que valoriza o aprendizado respeitando a diversidade.

E é pensando nessa Geografia humanista cultural, de base fenomenológica que seguimos com o propósito de contribuir para o aprendizado geográfico dos alunos, especialmente no que se refere à categoria de Lugar, adotando uma perspectiva geográfica humanista, de forma criativa e dinâmica, por meio da leitura do romance literário *A caverna*, de José Saramago. Essa obra nos oferece uma abordagem sensível e profunda para pensar o lugar de morada através da personagem Cipriano Algor, bem como o envolvimento deste com seu local de trabalho, como um entrelaçado de sentimentos de pertencimento que não devem ser vistos de forma separada.

Um outro estudo reforça ainda mais a contribuição da linguagem literária para ampliação da formação do sujeito. Trata-se de uma pesquisa conduzida pela Universidade de Toronto, publicada em 2013, evidenciando que a leitura literária favorece o desenvolvimento da criatividade e atua na redução do fechamento cognitivo, ou seja, amplia a recepção de novas ideias e perspectivas. Dessa forma, o uso de romances no ensino de Geografia Escolar, pode potencializar o pensamento crítico e ampliar a compreensão do espaço vivido. Assim, ao integrar Geografia e Literatura, promovemos uma formação mais sensível, reflexiva e conectada com a realidade dos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem geográfica.

Mas para a condução desse processo torna-se relevante compreender as diferenças que perpassam a Geografia escolar e a Geografia acadêmica. É sobre essas diferenças que trataremos a seguir.

2.2 Sobre a Geografia Escolar: uma reflexão necessária

O conhecimento geográfico acadêmico se diferencia do conhecimento geográfico escolar, sendo que o último se volta para possibilidade de compreensão e resolução de problemas e enfrentamento de situação do espaço de vivência do aluno. É importante lembrar que diante de um mundo globalizado, é possível que parte do que sucede nas diferentes vidas cotidianas esteja influenciada por acontecimentos que vão além de seu entorno, como sugere Cavalcanti (2010). Portanto é necessário um mergulho no conhecimento do lugar de vivência do aluno, como forma de

aproximação da Geografia Escolar, que nesse aspecto se fortalece sem perder os laços com a Geografia acadêmica.

De acordo com Guimaraes (2007) Geografia Escolar tem o objetivo de tornar o mundo sensível e compreensível aos alunos, proporcionando-lhes o reconhecimento e a análise da experiência humana na construção do espaço geográfico. A referida autora destaca a importância da transposição didática do conhecimento geográfico, quando deixa clara a importância da separação entre a Geografia escolar e a Geografia acadêmica. Ela diz que

As pesquisas no campo educacional, hoje, indicam que o conhecimento escolar possui peculiaridades. Isso resulta em admitir que o conhecimento geográfico produzido na academia é diferente do conhecimento escolar, pois este é resultado de um processo de produção específico que conta com outras formas de conhecimentos engendrados em outras instâncias. Nessa análise, é necessário considerar que o processo de transposição didática significa tornar um conhecimento científico e cultural ensinável e aprendível. Isso faz com que o conhecimento científico sofra expressivas e profundas transformações quando chega aos estudantes, originando aí um novo tipo de conhecimento. (Guimarães, 2007, p. 47).

Dessa forma, fica evidente a importância da transposição didática da Geografia Acadêmica para Geografia Escolar, pois pode promover um melhor aprimoramento do aprendizado no que diz respeito ao conhecimento geográfico.

Ao longo do tempo foram várias as transformações que ocorreram em relação ao ensino da Geografia. Tanto que de acordo com Giroto (2017), a consolidação da Geografia como ciência moderna é um processo que se configura, de forma mais evidente, a partir da segunda metade do século XX. Ancorado em tal constatação, se torna possível perceber então, que as formas de ensino da Geografia têm sofrido aprimoramentos importantes.

Nos últimos anos tem se reconhecido a importância de integrar os conhecimentos e experiências dos alunos no ensino de Geografia. Guimaraes (2017) ressalta que é essencial resgatar a Geografia do cotidiano, considerando a vida dos alunos e suas experiências individuais e coletivas. Ao conciliar ação e conhecimento, as vivências espaciais dos alunos e suas interações com os espaços mais amplos devem ser objetos de estudos. O resgate e a valorização dessas vivências são fundamentais para o aprendizado geográfico. Guimaraes argumenta que o ensino de Geografia deve utilizar diferentes linguagens, como a literatura, cinema, teatro, música, televisão fotografia, textos informativos, gráficos e mapas, para que os alunos

possam produzir e expressar ideias, opiniões, sentimentos e conhecimentos sobre o mundo, conforme apresentamos abaixo:

Os conhecimentos e as experiências dos alunos devem ser evidenciados. Nesse sentido, mostra-se fundamental resgatar a Geografia do cotidiano ao considerar a vida do aluno, as suas experiências individuais e coletivas. Ao conciliar ação e conhecimento, as questões do espaço vivido do aluno, em suas conexões e interações com o espaço mais amplo, devem ser objeto de debates e estudos. O resgate e a valorização das vivências espaciais das crianças e jovens representa um referencial da maior importância para o ensinar e aprender Geografia. O ensino de Geografia deve ser trabalhado pelo professor por meio da utilização de diferentes linguagens que favoreçam aos alunos produzir e expressar ideias, opiniões, sentimentos e conhecimentos sobre o mundo. A literatura, o cinema, o teatro, a música, a televisão, a fotografia, os textos informativos, os gráficos e mapas, são linguagens que devem estar presentes na Geografia escolar. (Guimarães, 2007, p.50).

No entanto, estudos também apontam na direção de uma realidade que ainda é vivenciada em grande parte das escolas. Quando pensamos no ensino de Geografia e analisando o que de fato tem acontecido nas escolas onde essa relação entre professores e alunos se estabelecem, pode-se perceber que de acordo com Roque Ascenção e Valadão (2017), a maioria dos professores não conseguem lidar com conceitos como constituintes de um raciocínio espacial, mas sim como meros informativos conceituais.

Ainda de acordo com os autores, o conhecimento conceitual do conteúdo e a produção de seu discurso pedagógico fundamentam a interpretação de espacialidades. Assim, podemos entender que os desafios do processo de ensino aprendizagem de Geografia são muitos e envolvem diferentes atores, problemas de Infraestrutura escolar dentre outros.

Diante da compreensão de que existem diferenças entre a Geografia Escolar e a Geografia Acadêmica, importa dizer da necessidade de buscar alternativas para uma maior inserção da espacialidade do aluno em relação à Geografia Escolar. Sendo assim, com essa concepção estabelecida, queremos caminhar no sentido de compreender o conceito de Lugar, por meio do romance literário A Caverna do autor José Saramago e com isso mediar junto aos alunos a interpretação de questões de ordem Geográfica, corroborando com os pensamentos defendidos por Roque Ascenção e Valadão (2017).

Para tanto, antes precisamos compreender os aspectos os quais orientam o aprendizado pela pesquisa, pois esse é o fio condutor dessa proposta de trabalho. Trata-se de uma perspectiva de abordagens no ensino que valem a pena conhecer.

2.3 Educação geográfica pela pesquisa

No processo de uma educação geográfica pela pesquisa, precisamos valorizar o contexto em que a escola está inserida. Pretendemos, portanto, analisar de acordo com as proposições do Professor Pedro Demo, as vantagens desse tipo de educação, numa perspectiva transformadora dos sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem na educação escolar.

O espaço escolar segundo o autor distingue, por exemplo, do espaço familiar, que educa em diversos níveis, bem como a roda de amigos e o ambiente de trabalho. Seguimos nesse entendimento e pretendemos com isso debater, valorizar e propor um ensino geográfico com o uso da linguagem literária, tendo a pesquisa como princípio educativo.

Esse tipo de aprendizado envolve a busca por uma sociedade mais equitativa e mais igualitária, pois pode contribuir no crescimento do sujeito como aquele que cria oportunidade histórica. Nesse sentido, avançar na educação geográfica pela pesquisa, significa superar a prática de um ineficiente discurso pedagógico.

Ao mesmo tempo essa proposta de educação configura-se como um grande desafio a todos os envolvidos no processo de aprendizagem, uma vez que muitos elementos compõem esse cenário de aprendizado, tais como o número reduzido de aulas de Geografia, baixos salários dos profissionais, pouca valorização em geral.

Contudo, de acordo com Demo, esse caminhar no sentido de uma educação escolar de significados e transformações é necessário, e não se realiza de forma separada da pesquisa. A formação pela pesquisa associa teoria e prática, deixando explícita a marca política, não só pelo ensino da ideologia, mas pela apropriação do conhecimento para se fazer oportunidade histórica.

Na busca pela definição de educar pela pesquisa, partimos da colocação de Demo (2011), quando afirma que na pesquisa é indispensável a elaboração própria, indicando que é mais eficaz para o aluno o ato de desenvolver a autonomia de

aprender pela elaboração própria ao invés de somente copiar, substituindo a curiosidade de escutar pela de produzir.

A pesquisa pode significar condição de consciência crítica e representar uma educação emancipatória. Ao defender tal proposta o autor afirma que é preciso construir caminhos e não receitas. Então a educação geográfica escolar pela pesquisa, tendo como referência o livro *A caverna*, nos ajuda a pensar uma educação como possibilidade de transformação, representando assim uma busca por um conhecimento geográfico que promova autonomia na transformação e reconstrução na educação geográfica escolar e, com isso, uma possibilidade de construção de caminhos.

A proposta de educação pela pesquisa percebe as aulas numa tentativa de desfazer a aparência visível, tanto quanto observável para surpreender a realidade por trás dos discursos mostrados pelos livros didáticos. Nessa perspectiva, concordamos com o autor, quando entendemos que a pesquisa na educação escolar pelo viés geográfico precisa ser um importante instrumento de compreensão do espaço vivido do aluno, no sentido de descortinar e revirar a simples aparência para a formação de sua identidade.

Na busca por uma educação geográfica que faça sentido aos nossos alunos seguimos, portanto, pensando numa contextualização e análise de um fenômeno local. Na interpretação e estudo da categoria geográfica de lugar pelo viés humanista e cultural, acreditamos na possibilidade de também entender os elementos que envolvem a migração no distrito de Vila Nova Floresta, na cidade de Governador Valadares, com o uso da linguagem literária como principal motivador para trazer, por meio das personagens uma aproximação com a realidade do aluno, conforme defende o autor Pedro Demo.

Tomamos a educação como o processo de formação da competência humana histórica. Entendemos por competência a condição de não apenas fazer, mas de saber fazer e sobretudo de refazer permanentemente nossa relação com a sociedade e a natureza, usando como instrumentação crucial o conhecimento inovador. Mais que fazer oportunidade, trata-se de fazer-se oportunidade. Competência não é apenas executar bem, mas caracteristicamente refazer-se todo dia, para postar-se na frente dos tempos. É a forma inovadora de manejar a inovação. Por isso vive literalmente do questionamento reconstrutivo, que é a maneira de todo dia se questionar e se reconstruir. (Demo 2002, p. 13)

Tal percepção nos conduz à ideia de que precisamos pensar que a sociedade educada pode atuar no sentido da construção de uma sociedade mais igualitária, que

possa atuar no combate à desigualdade. Assim, o professor de Geografia, numa atuação direcionada à uma educação que usa a pesquisa como princípio educativo, precisa caminhar com o aluno na compreensão do lugar onde vive e das relações que se estabelecem entre as pessoas por meio das experiências vividas nesse determinado espaço.

Conforme já mencionado anteriormente, educar pela pesquisa significa um desafio, frente às inúmeras situações que se configuram em um espaço de aprendizagem escolar. Na mesma direção, educar pela pesquisa na educação escolar no ensino básico em Geografia ganha contornos resistentes e limitantes, porém transponíveis, quando buscamos a linguagem literária como instrumento de aproximação entre as duas áreas de conhecimento.

O pensamento é caminhar no sentido de promover aulas que não sejam só cópias e repasse de conhecimento, mas que contribuam para uma maior autonomia do aluno. Ao realizar uma leitura literária com foco geográfico, pretendemos entender que se faz necessário mais do que um mero contato entre professor e aluno. É importante considerar que as escolhas didático-metodológicas do professor de Geografia representam uma potência capaz de intervir na formação do sujeito crítico formativo. Portanto uma aula com essas propriedades transformadoras não pode ser pensada a partir apenas de cópias ou simples repasses de conhecimento.

De acordo com Pedro Demo, se não houver o questionamento reconstrutivo, também não irá emergir no sujeito a propriedade educativa escolar da intervenção histórica Demo (2002). Sendo assim a construção do sujeito histórico que questiona, passa pelo conhecimento inovador que emerge da educação pela pesquisa. A emancipação do sujeito que supera a condição de objeto, perpassa pelo questionamento da realidade, associando teoria e prática com o entendimento dos princípios éticos.

Pensar o questionamento reconstrutivo e a emancipação do sujeito perpassa pelo entendimento da inter-relação entre a pesquisa e a educação. Nesse sentido, os procedimentos manipulativos, a relação aluno objeto, o desenvolvimento da subalternidade através da cópia, e a formação de massa de manobra através da ignorância são elementos obstáculos a serem superados nesse caminhar em direção

à valorização do questionamento bem como do conhecimento inovador, que alimenta o aprender a aprender.

De acordo com Pedro Demo, no questionamento aparece tanto a descoberta crítica, quanto a capacidade de mudar. O questionamento contribui no entendimento de formação do sujeito crítico, que pensa na execução do projeto próprio de acordo com seu espaço de vivência. A reconstrução precisa ser pensada nesse processo de ensino pela pesquisa na educação escolar. Nesse sentido a renovação do conhecimento com apropriação ética e análise das estruturas que se estabelecem podem promover um enfrentamento a esse endurecimento que insiste em perpetuar um ensino que não passa de uma mera imitação.

Ainda conforme o autor, um profissional competente deve aproveitar a oportunidade da motivação lúdica da criação, para impulsionar ainda mais o questionamento construtivo, porque a ludicidade contribui de forma significativa na aprendizagem Demo (2002). Desse modo, importa para o autor assim como para nós, a educação que prioriza o sujeito, desde que alicerçada com a congruência entre teoria e prática e apoiada num planejamento responsável e imbricado de ações de reconstrução e autoria do professor. De sorte que pensar a pesquisa como ambiente didático no cotidiano do professor e aluno, é um elemento indispensável no ensino que se acredita capaz de provocar transformações efetivas, com responsabilidade, ética e solidariedade.

Concordamos com Demo, quando o mesmo destaca que a escola precisa representar, com naturalidade, um lugar coletivo de trabalho, mais do que de disciplina, ou de ordem de cima para baixo ou desempenho obsessivo Demo (2002). Partindo desse entendimento, destacamos a necessidade de questionar ideias ainda dominantes na educação escolar básica, tais como a de aluno que comparece para escutar, de professor que trabalha somente com o livro didático, ou ainda a de tomar nota e estar pronto para engolir ensinamentos.

Acreditamos que se desvencilhar dessas práticas educativas tornam o processo de educar pela pesquisa mais eficiente. De acordo com o mesmo autor, o trabalho do professor não é só ensinar, instruir, treinar, domesticar. É sobretudo formar a autonomia crítica e criativa do sujeito histórico competente, que se fortalece na apropriação da habilidade do uso da leitura literária, do livro A Caverna do autor José

Saramago como instrumentação geográfica na compreensão do conceito de lugar. Entendemos assim, que o aluno dentro dessa proposta de aprendizado caminha no sentido de construção do aprender a aprender. Então esse aluno precisa ser visto pelo professor como parceiro de trabalho.

É sempre importante considerar o contexto de vivência do aluno, para dar sentido ao processo de construção de conhecimento e a formação de um sujeito crítico. Sendo que o trabalho em grupo pode apoiar a formação do sujeito consciente de si e solidário, capaz de construir consensos possíveis.

Dentro dessa perspectiva de ensino pela pesquisa, o professor pode estimular a busca de materiais, para compreensão do estado da arte na estruturação do pensamento geral sobre o tema; estimular o aluno a coletar dados no ambiente familiar; instigar a interpretação e elaboração própria. A autoria se torna, portanto, indispensável nesse processo de educar pela pesquisa, uma vez que o aluno pode por meio de sua criatividade, imaginação e reflexão crítica colocar sua própria forma de conhecimento.

Como pretendemos nos valer da educação geográfica pela pesquisa, ela precisa propor soluções e promover reflexão acerca de fenômenos locais. Isso foi possível com a utilização da linguagem literária do livro a Caverna de José Saramago como nossa ferramenta de prospecção, para entender a categoria geográfica de Lugar. Em nosso caso específico, a migração merece destaque por se tratar de um fenômeno local de forte impacto na vida das pessoas da comunidade.

Assim, para promover mudanças no aprendizado de Geografia Escolar, concordamos com as ideias defendidas por Pedro Demo, bem como Jussara Portugal (2017), de que é preciso acompanhar o aluno e orientá-lo para que o ato de pesquisar se faça presente.

2.4 Lugar, experiência e Literatura

2.4.1 Uma obra literária: A caverna do autor José Saramago

Cipriano algum era um oleiro, senhor já nos seus mais de 60 anos, que morava com a filha Marta e seu Genro Marçal Gacho num Vilarejo afastado da Grande cidade. No seu trabalho na olaria, fazia peças de barro, que eram vendidas no Centro (uma espécie de Shopping center). O genro de Cipriano, Marçal Gacho, era um guarda, que

trabalhava como segurança no centro. Cipriano tinha o compromisso de levar o genro para trabalhar e busca-lo em suas folgas. Geralmente ele usava essas viagens para levar também toda sua produção, que era comprada exclusivamente pelo centro.

Nas viagens para o Centro sempre guiando a furgoneta, Cipriano observava as plantações modernas nas estufas, as casas abandonadas por moradores e também a poluição causada pelas fábricas, seja de fumaça jogada para o ar, seja pelos dejetos industriais fétidos, jogados nos rios. Nesse caminho Cipriano observava também a presença de barracas construídas com materiais precários, e aproveita para relatar alguns conflitos vivenciados pelos moradores, que usam diferentes estratégias para roubar e saquear caminhões. Aproveita também para falar do confronto desses moradores com a polícia, numa tentativa de desocupação da área.

Num belo dia, quando Cipriano foi fazer a entrega de suas peças rusticas para o Centro, recebe a notícia de que eles ficariam somente com a metade das peças. A justificativa apresentada, foi que as peças tinham perdido a preferência do público. Além de não comprarem as peças, eles proibiam Cipriano de vender suas peças para outros comerciantes, o que o indignava ainda mais.

Essa notícia foi recebida com muita tristeza por Cipriano, que vivia da produção das peças no tradicional forno a lenha, trabalhando sempre junto com sua filha Marta. Diante dessa grande dificuldade, vários desafios apareceram para Cipriano que precisa resolver essa situação. Uma solução encontrada foi a fabricação de bonecos que representavam figuras humanas o que substituiria a venda das antigas peças de barro.

Diante da situação de não vender suas peças ao Centro, uma das maiores tristezas de Cipriano agora, era a possibilidade de ter que mudar do seu lugar onde viveu toda sua vida, para morar no centro, onde seu genro se tornara guarda residente. Numa das idas com o genro Marçal ao Centro, Cipriano aproveitou para observar melhor como ele era. Ele não ficou satisfeito com o que viu, pois achava que o formato puramente comercial, impedia as pessoas de aproveitarem de fato aquele espaço, que representava para ele uma prisão.

O cachorro que apareceu no quintal de Cipriano, recebeu o nome de achado e protagonizou momentos de muita emoção, com a sua demonstração de carinho e

respeito por Marçal e sua filha Marta. Quando na ocasião de mudar para o centro Cipriano Algor deixa o cachorro com a viúva Isaura.

Com o tempo migrar para o Centro e morar com o genro e filha, torna-se inevitável. O genro foi promovido a guarda residente e agora podia morar num dos apartamentos. Foi então com muito pesar, que Cipriano, abandona sua casa, seu forno, seu lugar e vai com a filha para cidade.

Sua estadia no centro durou pouco tempo. Numa manifestação de curiosidade, Cipriano resolveu ir visitar umas escavações que estavam acontecendo no subsolo do edifício. Com o genro trabalhando de vigia do local, Cipriano resolveu se embrear naquela escuridão a procura do desconhecido. Nessa sua caminhada pelo túnel aberto pelas maquinas, avistou o que parecia ser um muro e seis corpos de três homes e três mulheres acorrentadas num banco de pedra, ao lado de uma fogueira.

Que estranhas criaturas, são iguais a nós. Com essa reflexão Cipriano resolve que o Centro não é lugar pra ele e acaba tomando a decisão de sair dali e não querer viver como se fosse numa caverna, numa alegoria à caverna de Platão. Sua decisão, é respeitada por sua filha Marta e genro Marçal que juntos decidem procurar outros caminhos, que não sejam aqueles que conduzem para uma morte acorrentada num banco de pedra.

2.4.2 Aproximações humanistas na Geografia Escolar a partir do Romance A Caverna, de José Saramago

A categoria geográfica de lugar contribui, dentro da perspectiva humanista, uma importante abordagem para compreender o espaço vivido, percebido e significado pelos sujeitos em suas experiências cotidianas. No âmbito da Geografia Escolar, essa concepção permite uma abordagem mais sensível e intersubjetiva, contribuindo para uma aprendizagem que envolve diversos conhecimentos culturais e simbólicos dos estudantes. Nesse sentido o uso da literatura – especialmente do romance A caverna, de Jose Saramago – se apresenta como ferramenta didática capaz de trazer provocações à dimensão afetiva do lugar e enriquecer a compreensão geográfica dos alunos.

A discussão humanista sobre o lugar se fortaleceu a partir da década de 1970, como crítica à abordagem positivista e tecnicista predominante na geografia até então.

Nessa forma de pensar o espaço, o conceito de lugar deixa de ser apenas um ponto de localização e passa ser compreendido como um centro de significância. Yi-Fu Tuan, um dos principais representantes dessa corrente, afirma que o lugar é construído pela experiência, sendo um espaço de afeto, memória e identificação: “lugar é um centro de significância” (Tuan, 1980, p.45). A experiência vivida é um importante elo de ligação entre o sujeito e o espaço, e é justamente essa dimensão que o romance *A caverna*, de José Saramago, permite explorar na geografia escolar.

Na narrativa de Saramago, o espaço da olaria e a casa das personagens principais não são meras localizações. São espaços afetivos, simbólicos e experienciados, que revelam múltiplos sentidos e relações. Essa vivência do lugar corresponde ao que Edward Relph (1976, pág. 47) citado por Marandola Jr. descreve como a articulação de três elementos fundamentais: configuração física, atividades e significados. Para Relph, esses elementos são mutáveis e constituem a identidade dos lugares a partir da interação entre sujeitos e o meio. Como destaca Marandola Júnior, ao discutir a identidade e autenticidade dos lugares a partir de Heidegger, é essencial compreender como o envolvimento existencial dos sujeitos com os lugares estrutura uma vivência autêntica ou alienada (Marandola Junior, 2012).

Tiago Cavalcante aprofunda essa ideia ao afirmar que o lugar se constrói como um mosaico de significados a partir das trajetórias individuais e coletivas: “um mosaico de outros lugares por onde a gente atravessa, que se juntam fazendo deles lugar” (Cavalcante, 2021, p. 33). Assim, o lugar não é fixo, mas atravessado por memórias, afetos, ruptura e continuidades. No caso da obra de Saramago, a olaria é atravessada pelo tempo, pela modernização e pela dor do deslocamento. A mudança forçada para o Centro representa a ruptura do elo afetivo com o lugar de pertencimento, provocando na personagem principal a sensação de perda e esvaziamento.

No contexto da Geografia escolar, essa perspectiva humanista do lugar possibilita uma abordagem mais sensível e crítica, aproximando o conteúdo da realidade vivida dos estudantes. Cavalcanti (2021) destaca que o conceito de lugaridade é essencial para trabalhar a dimensão subjetiva e afetiva na formação dos alunos. Ela afirma que essa abordagem permite aos estudantes reconhecerem os lugares significativos em suas vidas e compreenderem as transformações espaciais a partir das experiências (Cavalcanti, 2021, p.87). A utilização da leitura nesse

processo contribui para ampliação do repertório simbólico dos alunos e para fortalecimento de vínculos com o espaço vivido.

De acordo com Marandola Junior, o lugar não é apenas um objeto de análise geográfica, mas uma condição existencial. Ele define o lugar como “centro cognitivo, afetivo e lógico do nosso mundo vivido”, sendo construído continuamente por meio das relações cotidianas (Marandola Júnior, 2021, p.230). Essa concepção dialoga com a experiência das personagens de *A caverna*, que enfrentam a desconstrução de seu lugar de origem em nome de um progresso padronizado e impessoal. O romance revela, assim, a tensão entre o lugar vivido e os espaços produzidos pela lógica do consumo e da mercantilização.

Em Livia de Oliveira o sentido de lugar é constituído por múltiplas dimensões – linguagem, memória, corpo, práticas sociais – e que sua compreensão exige uma leitura geográfica sensível e aberta ao diálogo interdisciplinar. Segundo Livia “refletir sobre o lugar é refletir sobre o sentido da existência na geografia” articulando elementos simbólicos e materiais na construção do espaço vivido (Oliveira, 2012, p. 12). A literatura como campo de expressão da experiência, contribui significativamente para esse entendimento, pois carrega as geografias pessoais dos autores e personagens, permitindo ao leitor pensar seu próprio lugar.

José Saramago em *A caverna*, constrói uma narrativa profundamente vinculada à experiência de deslocamento, desenraizamento e perda. A história de Cipriano Algor, oleiro que se vê forçado a abandonar sua antiga profissão diante das exigências do Centro – Uma metáfora do avanço impessoal da modernidade globalizada – é uma poderosa alegoria sobre o esvaziamento simbólico dos lugares. O forno de lenha usado no cozimento das peças de barro, a casa, a aldeia não são apenas cenários, mas lugares carregados de memória, história e significado para as personagens. Ao serem descartados pelo sistema, esses lugares não apenas perdem sua função econômica, mas também sua função afetiva e existencial.

Além disso, estudos como o realizado pela Universidade de Toronto (Kidd e Castano, 2013) indicam que a leitura literária contribui para o desenvolvimento da empatia, da criatividade e da capacidade de compreensão de múltiplas perspectivas – habilidades fundamentais para a formação cidadã e para prática da educação

geográfica crítica. A literatura não apenas informa, mas transforma: ela desloca o olhar, desafia certezas e amplia horizontes.

Dessa forma a utilização do romance *A caverna* como recurso didático no ensino da Geografia Escolar oferece uma via potente para abordar a categoria de lugar numa perspectiva humanista. Ele permite explorar temas como identidade, deslocamento, resistência e pertencimento, articulando dimensões intersubjetivas do lugar.

O diálogo entre Geografia e literatura enriquece a prática pedagógica, promovendo uma compreensão mais ampla, afetiva e crítica dos lugares em que vivemos. A literatura nos ajuda a perceber que os lugares são as pessoas e suas histórias, e que a geografia se faz também na imaginação na memória e nos afetos.

Assim, ao articular a geografia humanista, a literatura e a prática docente, propomos uma abordagem educativa que respeita a complexidade dos sujeitos e dos lugares que habitam. Em tempos de globalização e homogeneização cultural, essa proposta se torna ainda mais urgente: é preciso cultivar nos alunos a capacidade de olhar para seus próprios lugares com atenção, cuidado e significado. Afinal, lugar é acima de tudo, aquilo que nos afeta – e que nos mesmos ajudamos a construir.

2.5 Aspectos geográficos em *A Caverna*: o olhar para o lugar na obra de Saramago

A obra de José Saramago foi lançada no Brasil, pela primeira vez no ano 2000. Nela, a personagem Cipriano Algor, um oleiro viúvo de mais de 60 anos, pai de uma única filha Marta, se vê diante do desafio de ter suas peças de cerâmica rejeitadas pelo centro, que, diga-se de passagem, num contrato de exclusividade, era seu único comprador. Esse longo contrato de fornecimento de peças rústicas feitas a partir do barro, entra em colapso num determinado dia em que o Centro resolve modificar a relação comercial e decidem que irão para de comprar suas peças.

Diante desse conflito literário, aproveitamos a oportunidade geográfica, para nos apoiar nas vivências das personagens e analisarmos aproximações na categoria de análise geográfico lugar, e as situações apresentadas no romance *A Caverna*. A seguir destacamos um trecho do livro que nos conduz a uma imersão na obra, e nos permite iniciar essa análise.

Assim era. Quase uma hora depois, chegou a sua vez. Desceu da furgoneta e aproximou-se do balcão de atendimento com os papéis do costume, a guia de entrega em triplicado, a factura respeitante às vendas efectivas do último fornecimento, a declaração de qualidade industrial que acompanhava cada partida e na qual a olaria assumia a responsabilidade de qualquer defeito de fabrico detectado na inspecção a que as louças seriam sujeitas, a confirmação de exclusividade, igualmente obrigatória em todos os fornecimentos, em que a olaria se comprometia, submetendo-se a sanções no caso de infracção, a não ter relações comerciais com outro estabelecimento para a colocação dos seus artigos. (Saramago, 2000, p. 22).

Se preocupar com as relações comerciais e suas consequências para a sociedade, faz parte das inquietações geográficas. O capitalismo, a globalização são elementos que estão envolvidos nessas atividades. Saber que o oleiro Cipriano Algor, vendia suas peças de barro para uma grande empresa, aqui representada como centro nos conduz a questionamentos sobre, como essa verticalização comercial, tende a privilegiar um certo grupo em detrimento de outro e, contudo, contribuir na intensificação da desigualdade social.

No limiar dessa trama, elementos geográficos aparecem de forma marcantes, criando assim possibilidades de entendimento de que a Geografia está presente em obras literárias. Os dilemas enfrentados por esse oleiro nos convidam a refletir geograficamente, sobre seu lugar de morada com a filha, o genro e o cão achado. Pensar que a família imediata de Cipriano se trata da terceira geração a viver do barro nos ajuda a entender a importância que tem o seu lugar e o que ele representa, em seus mais de sessenta anos de vida.

Toda a experiência que Cipriano adquiriu em seu trabalho com o barro, criava uma relação de identificação com as peças que produzia. O forno, pensado pelo avô e reformado pelo pai, já não era só um simples objeto de cozimento do barro, mas se tornara um espaço onde se desenvolvia uma atividade de muito significado na vida de toda família. Admirar esse forno, sentar próximo dele, sentir sua temperatura, são demonstrações de que, ele tem muito valor para Cipriano. Então entendemos que o fato de ter suas peças rejeitadas, pelo centro provocaria, espanto e tristeza.

Sua casa pensada aqui a partir do trabalho no forno a lenha usado para cozimento das peças, já nos conduz à interpretação do conceito de lugar entendido pela Geografia Humanista, que pensa a experiência do sujeito como elemento importante na interpretação do lugar. Atividades que são desenvolvidas nesse determinado espaço, conduzem a criação de memórias, e atribuem significados a

esse lugar. O trabalho de cozimento e fabricação das peças no forno, deixa, portanto, de ser pensado de maneira isolada e se associa a instrumentos ligados aos sentimentos, conforme podemos observar abaixo

Como lhe correu a manhã, perguntou Marta, Bem, o costume, respondeu o pai baixando a cabeça para o prato, Marçal telefonou, Ah sim, e que queria ele, Que tinha estado a falar consigo sobre irmos viver para o Centro quando for promovido a guarda residente, Sim, falámos nesse assunto, Estava aborrecido porque o pai tornou a dizer que não concorda, Entretanto pensei melhor, acho que vai ser uma boa solução para ambos, O que é que o fez, de repente, mudar de ideias, Não quererás continuar a trabalhar de oleira para o resto da tua vida, Não, embora goste do que faço, Deves acompanhar o teu marido, amanhã terás filhos, três gerações a comer barro é mais do que suficiente, E o pai está de acordo em ir conosco para o Centro, deixar a olaria, perguntou Marta, Deixar isto, nunca, está fora de questão. (Saramago, 2000, p. 31).

A possibilidade de abandonar num dado momento o lugar, onde morou desde criança, lhe causou um terrível pavor, porque foi o lugar onde trabalhou desde sempre com o pai e depois de mais velho com a já falecida esposa e filha. Saber que as peças, fruto de seu trabalho, tinham sido desvalorizadas pelo Centro, lhe provocava um grande espanto. Quando ele é informado sobre a dispensa de parte de sua produção em função da preferência dos clientes pelas peças de plástico ou de vidro, Cipriano manifesta sua indignação.

Cipriano nos apresenta o que vê pela estrada, no caminho de ida, para levar as peças ao Centro. Sempre dirigindo sua furgoneta com um olhar atento e denunciativo aos acontecimentos. Nesse determinado dia ele estava com seu genro do lado e observa atentamente as características contrastante das formas de produção em grande escala. Dispara com isso seu sentimento de indignação contra as relações capitalistas de produção e sua lógica consumista que constrói novos espaços e destrói outros, situação usada pela personagem para denunciar as marcas criadas por tais relações unilaterais. O conceito de lugar pode ser entendido a partir dessa colocação literária, como um espaço que pode ser impactado por acontecimentos, que não precisam ser necessariamente localizados naquela porção específica do espaço.

Cipriano, começa então por falar da composição das fabricas e estruturas necessárias para suas instalações, como energia elétrica, grandes cilindros de armazenagem de combustíveis, redes de canalizações, dutos de ar e outros. Não poderia faltar as fumaças toxicas expelidas pelas chaminés das fábricas e o forte

cheiro fétido. A tecnologia da área, também é apresentada por meio dos laboratórios e a poluição sonora denunciada, através do barulho das máquinas e grandes martelos conforme podemos perceber no trecho abaixo

O sogro deu pelo gesto, mas deixou-se ficar calado, este seu genro é um moço simpático, sem dúvida, mas é nervoso, da raça dos desassossegados de nascença, sempre inquieto com a passagem do tempo, mesmo se o tem de sobra, caso em que nunca parece saber o que lhe há de pôr dentro, dentro do tempo, entenda-se, como será quando chegar à minha idade, pensou. Deixaram a Cintura Agrícola para trás, a estrada, agora mais suja, atravessa a Cintura Industrial rompendo pelo meio de instalações fabris de todos os tamanhos, actividades e feitos, com depósitos esféricos e cilíndricos de combustível, estações eléctricas, redes de canalizações, condutas de ar, pontes suspensas, tubos de todas as grossuras, uns vermelhos, outros pretos, chaminés lançando para a atmosfera rolos de fumos tóxicos, guas de longos braços, laboratórios químicos, refinarias de petróleo, cheiros fétidos, amargos ou adocicados, ruídos estridentes de brocas, zumbidos de serras mecânicas, pancadas brutais de martelos de pilão, de vez em quando uma zona de silêncio, ninguém sabe o que se estará produzindo ali, Foi então que Cipriano Algor disse, Não te preocupes, chegaremos a tempo. (Saramago, 2000, p. 13).

Os utensílios de plástico e de vidro, produzidos, dentro desses espaços fabris, descritos acima, aparecem nas narrativas das personagens indicando um contraste entre as formas de produção artesanais e industriais em larga escala. Os produtos frutos de toda essa combinação industrial, são concorrentes direto das peças de barro produzidas por Cipriano. A disputa pelo gosto dos consumidores do Centro se encaminha para uma vantagem dos produtos industriais.

Ao lado da estrada, as precárias moradias com casas amontoadas destacam elementos geográficos territoriais da segregação socioespacial. Os moradores que ali se encontram, estão situados do lado perverso da globalização, fazendo parte portanto daqueles esquecidos pela administração pública. De acordo com a personagem Cipriano, essa situação específica, favorece o fortalecimento e organização dos moradores, que buscam seus próprios meios de enfrentamento das dificuldades. Essa situação, evidenciada pela personagem, nos faz lembrar situações percebidas no Brasil, onde a desigualdade socioespacial está presente em diferentes espaços e carecem de mais atenção por parte de nossas administrações públicas.

Depois da Cintura Industrial principia a cidade, enfim, não a cidade propriamente dita, essa avista-se lá adiante, tocada como uma carícia pela primeira e rosada luz do sol, o que aqui se vê são aglomerações caóticas de barracas feitas de quantos materiais, na sua maioria precários, pudessem ajudar a defender das intempéries, sobretudo da chuva e do frio, os seus mal abrigados moradores. É, no dizer dos habitantes da cidade, um lugar assustador. De tempos a tempos, por estas paragens, e em nome do axioma clássico que prega que a necessidade também legisla, um camião carregado

de alimentos é assaltado e esvaziado em menos tempo do que leva a contá-lo. (Saramago, 2000, p. 14).

Essa desigualdade social denunciada pela personagem na passagem acima, através dos moradores das barracas, destacam o caráter sensível e inquietante da personagem, que fica indignado com a situação vivenciada pelos moradores. Numa demonstração de respeito por aquelas pessoas, em um dos dias que trazia as peças devolvidas, parou para descansar e logo depois, foi abordado por um homem que lhe ofereceu ajuda. Cipriano resolve doar, para esposa dele, quantas peças ele podia carregar, das peças que tinham sido rejeitadas pelo centro.

Cipriano, no processo de produção das peças de barro como, pratos, púcaros canecas e jarros, esbanja sabedoria e experiência na identificação da textura do barro mais indicado para produção das melhores peças. Sua habilidade na identificação da cor dos tijolos, que indicam a temperatura ideal do forno para o cozimento das peças. Vivendo nesse lugar alegórico, carregado de experiência e significados, através dos elementos simbólicos, trabalhando sempre com o uso intenso de todos os seus sentidos, desenvolveu importantes habilidades que lhe auxiliavam no ofício de oleiro.

Essa sabedoria que carrega consigo desde muito jovem, demonstram percepções sensitivas que importam muito na interpretação das marcas neblinadas do lugar. São, portanto, saberes que perpassam geração e ganham novos elementos de acordo com as habilidades, que se aperfeiçoam. Assim como podemos perceber o conceito de lugar em sua multiplicidade dentro da perspectiva humanista e fenomenológica, Pinheiro Neto, nos solidariza com uma forma semelhante de sentir a paisagem, polidas pela sabedoria da experiência,

Ao analisarmos a terminologia paisagem, temos muitas vezes e de maneira equivocada, uma relação ao que podemos ver. Ela nos permite, por intermédio da percepção, compreender muito mais do que simplesmente vemos, até mesmo o que a alma desvela carregada pelo conhecimento empírico e pelas lembranças de tudo o que fomos. E ainda mais, as subjetividades precisam ser consideradas, elas são elementos caracterizadores da formação humana, neste sentido, consideramos a paisagem e tudo o que a envolve de variadas formas. Os sons, o cheiro, o toque e dentre vários outros sentidos nos revelam diferentes paisagens que serão postas dependendo do entendimento de cada ser humano. O indivíduo percebe o mundo em sua volta subjetivamente. (Pinheiro Neto, 2018, p. 01).

Essa forma de perceber o lugar como um espaço que tem muitos significados, precisa considerar a intersubjetividade, que compõem esse mesmo espaço e são indissociáveis do sujeito. O espaço físico onde esse sujeito vive, é cheio de sentidos,

que vão sendo experienciados ao longo do tempo. Essa impressão que se constrói com os lugares, podem mudar ao longo do tempo. As memórias coletivas ou individuais dentro dessa lugaridade, são sentidas pelos sujeitos, e vão dando forma ao seu sentimento de pertencimento ao lugar.

Sofrendo muito com a notícia da rejeição das peças pelo centro, Cipriano retorna para casa, entristecido, especialmente por não encontrar o forno em pleno funcionamento. Sabendo que não mais produziria peças em grande quantidade, recebe o carinho da filha, que tenta com um afago, conforta-lo. Em meio às lembranças, do que já viveu naquele determinado lugar, Cipriano reflete e demonstra sua habilidade, na identificação da temperatura ideal para o cozimento das peças, sensibilidade essa, adquirida ao longo dos anos de trabalho na olaria.

Com uma percepção aguçada, ele aprendeu a reconhecer as transformações do barro pela mudança de cor, uma técnica passada por seu pai e avô. Essa capacidade sensitiva, desenvolvida com a experiência, atravessa toda a sua vida e revela um profundo vínculo que mantém com o ofício aprendido desde a infância. A experiência no trabalho com o barro, naquele antigo forno a lenha, ajudou a criar uma relação de pertencimento com aquele lugar de muito significado para personagem, conforme percebemos no trecho a seguir

Com uma atenção exagerada Cipriano Algor arrumou a furgoneta debaixo do alpendre, entre duas pargas de lenha seca, depois pensou que ainda poderia passar pelo forno e ganhar alguns minutos, mas faltava-lhe o motivo, faltava-lhe a justificação, não era como de outras vezes, quando regressava da cidade e o forno se encontrava a funcionar, nesses dias ia olhar para dentro da mufla e calcular a temperatura pela cor dos barros incandescentes, se o vermelho-escuro já se teria convertido em vermelho-cereja, ou este em laranja. Ficou ali parado, como se o ânimo de que precisava se tivesse atrasado no caminho, mas foi a voz da filha que o obrigou a mover-se, Por que é que não entra, o almoço está pronto. Intrigada com a demora, Marta aparecera entre portas, venha, venha, que a comida esfria. Cipriano Algor entrou, deu um beijo à filha e fechou-se na casa de banho, comodidade doméstica instalada quando já era adolescente e, desde há muito. (Saramago, 2000, p. 30,31)

Pensando o lugar, como espaço vivido, com fortes vínculos afetivos, sentimentos, memórias e experiências, entendemos a indignação e espanto de Cipriano ao receber a notícia da rejeição das peças pelo Centro. Para Cipriano Algor, o forno da olaria, o barro moldado e a rotina do ofício artesanal representam mais do que trabalho, são, portanto, extensões de sua identidade e dignidade. O lugar nesse

universo poético torna se pertencimento e resistência frente à dureza capitalista dos processos industriais.

Quando essa ligação é desfeita, motivada uma por decisão impessoal de recusa das peças acaba provocando uma ruptura e com isso, uma dor sentida profundamente, uma vez que interrompe um importante vínculo com aquela atividade. De tanta angustia, apela para os caminhoneiros, que aguardavam na fila para fazer a entrega de produtos para o centro, e reclama esperando uma solidarização que não acontece. Conforme podemos perceber no trecho a seguir

Cipriano Algor tinha as mãos a tremer, olhava em redor, perplexo, a pedir ajuda, mas só leu desinteresse nas caras dos três condutores que haviam chegado depois dele. Apesar disso, tentou apelar à solidariedade de classe, Vejam esta situação, um homem traz aqui o produto do seu trabalho, cavou o barro, amassou-o, modelou a louça que lhe encomendaram, cozeu-a no forno, e agora dizem-lhe que só ficam com metade do que fez e que lhe vão devolver o que está no armazém, quero saber se há justiça neste procedimento. (Saramago, 2000, p. 22).

Ao descrever o processo de produção das peças aos caminhoneiros, como no seu momento de dor, Cipriano evidencia de modo claro a forma artesanal de como as peças são produzidas. Essa maneira de produzir as peças, agrega um valor sentimental aos produtos. Sendo assim a rejeição dessas peças e a humilhação de determinarem a imediata retirada das outras peças não vendidas, provocam um terrível espanto ao oleiro. Ao afirmar que só leu desinteresse nos olhos dos caminhoneiros, que chegaram depois dele, Nossa personagem deixa claro que seus sentimentos de dor, não se aplicava a eles e também não os interessava

A insatisfação de Algor com as fábricas e suas grandes produções em série na fabricação de objetos de plástico, que substituíram suas peças de barro, fica evidente nessa passagem onde a personagem por meio do autor nos chama a atenção para os impactos dessa produção desenfreada. A crítica à essas peças feitas em larga escala, que perdem a significação pelo trabalho, em comparação com as peças de barro.

A ominosa visão das chaminés a vomitar rolos de fumo deu-lhe para se perguntar em que estupor de fábrica daquelas estariam a ser produzidos os estupores das mentiras de plástico, maliciosamente fingidas à imitação de barro, É impossível, murmurou, nem o som nem o peso se lhe podem igualar, e há ainda a relação entre a vista e o tacto que li já não sei onde, a vista que é capaz de ver pelos dedos que estão a tocar o barro, os dedos que, sem lhe tocarem, conseguem sentir o que os olhos estão a ver. E, como se isto não fosse já tormento bastante, também se interrogou Cipriano Algor, pensando no velho forno da olaria, quantos pratos, púcaros, canecas e jarros por minuto ejectariam as malditas máquinas, quantas coisas a fazer as vezes

de bilhas e quartões. O resultado destas e outras perguntas que não ficaram registadas foi ensombrar-se outra vez o semblante do oleiro e, a partir daí, o resto do caminho foi todo ele um contínuo cogitar sobre o futuro difícil que esperava a família Algor se o Centro persistisse na nova avaliação de produtos de que a olaria fora talvez a primeira vítima. (Saramago, 2000, p. 27).

Ao comparar as formas de produção das peças, Cipriano define e destaca as formas de sentir o barro com os dedos. Valorizando esse sentido do tato, tão importante para compreensão geografia, nos ajuda a entender sua importância na definição do lugar de vivência da personagem e porque não em nossos espaços de vivência. Aproveitamos para comparar aqui também, a produção de biscoitos e rosquinhas no forno a lenha no lugar onde moramos, que se diferencia daqueles produzidos em larga escala. A comparação entre a capacidade de produção reduzida do antigo forno, na produção de pratos, púcaros, canecas e jarros e as grandes quantidades das fábricas, contribui para compreensão das diferenças nesse processo de produção.

Na narrativa a seguir, Cipriano, explica sobre um momento de chegada no lugar onde mora, com a filha Marta, o genro Marçal e o cachorro achado, onde entendemos se tratar de um lugar afastado das grandes áreas urbanizadas. Com uma relação de proximidade entre os moradores, esse pequeno povoamento afastado da cidade, se torna pra ele um centro de significância sendo, portanto, um lugar tranquilo, onde as pessoas se conhecem e se cumprimentam com acenos e gestos de solidariedade.

Esse lugar poético de Saramago nos faz lembrar em alguns aspectos, Vila Nova Floresta, onde moramos. As características atribuídas à praça do lugar onde mora, em suas narrativas Cipriano, nos faz lembrar coincidentemente, a praça do lugar onde moramos, como sendo pequena e única praça do lugar, possui um formato irregular com uma curva só para um dos lados. Essa praça do lugar onde moramos, apesar de pequena, possui muito significado para os moradores locais, que usam o espaço para conversarem enquanto os filhos se divertem com as mais variadas brincadeiras.

A povoação começava uns cem metros além, era pouco mais que a estrada que lhe passava ao meio, umas quantas ruas que a ela vinham desembocar, uma praça irregular que fazia barriga para um lado só, aí um poço fechado, com a sua bomba de tirar água e a grande roda de ferro, à sombra de dois altos plátanos. Cipriano Algor acenou a uns homens que conversavam, mas, contra o que era costume quando regressava de levar as louças ao Centro, não parou, num momento destes não imaginava o que lhe poderia apetecer, mas não de certeza uma conversa, mesmo tratando-se de pessoas que

conhecia, A olaria e a morada em que vivia com a filha e o genro ficavam no outro extremo da povoação, metidas para dentro do campo, apartadas dos últimos prédios. (Saramago, 2000, p. 29).

Ao descrever com detalhes as características do lugar onde morava, Cipriano nos mostra a importância que aqueles elementos simbólicos representavam na formação daquele lugar. Aquela caixa d'água, as sombras das árvores, que eram locais de descanso, os moradores que tinham o hábito de acenarem e cumprimentarem uns aos outros. Essas simbologias constroem memórias, sejam elas individuais ou coletivas e contribuem na formação da identidade dos sujeitos que vivem ali.

Nas viagens de Cipriano, seja na furgoneta, ou nas mais longínquas instâncias da reflexão humana, somos convidados a fazer essa imersão geográfica, onde como copiloto/pilotos somos agraciados, com direito a sentar na frente e sentir da janela, o vento da Geografia nos tocar. Ao observar visualmente por meio das personagens as paisagens encontradas pelo caminho até o Centro, é difícil não pensar nas relações capitalistas de produção. Agricultura mecanizada, com a destruição irresponsável das vegetações originais, em nome de uma lucratividade acima de tudo.

Com palavras denunciativas a personagem Cipriano, nos conduz a refletir sobre algumas práticas agrícolas predatórias que aparecem no romance. Ao fazer essa observação, traz a provocação e no sentido de pensarmos sobre essas práticas agrícolas no Brasil. Sempre muito preocupado com uma produção que fizesse sentido para a vida das pessoas a personagem, se entristece ao se deparar diariamente com esses espetáculos sem sentido

Cipriano Algor atravessou a Cintura Verde rapidamente, não olhou nem uma vez para os campos, o espectáculo monótono das extensões de plástico, baças de natureza e soturnas de sujidade, causava-lhe sempre um efeito depressivo, imagine-se o que seria hoje, no estado de ânimo em que vai, se se pusesse a contemplar este deserto. Já há muito tempo que o oleiro não precisava de resistir à tentação de parar a furgoneta e ir espreitar se era mesmo certo que no interior daquelas coberturas e daqueles painéis havia plantas reais, com frutos que se pudessem cheirar, palpar e morder, com folhas, tubérculos e rebentos que se pudessem cozer, temperar e pôr no prato, ou se a melancolia abrumadora do que por fora se expunha contaminava de incurável artifício o que lá dentro crescia, fosse o que fosse. (Saramago, 2000, p. 30).

Entendendo que aquele espaço das produções agrícolas o incomodava Cipriano em suas narrativas, deixa claro que nem era possível saber o que era produzido ali. A aparência daquela natureza sem vida, sem cor, causava-lhe um efeito

depressivo, contrastando com a satisfação daquele espaço onde morava com a filha, seu agradável lugar.

As fábricas, consideradas gigantes porque produzem peças de plástico em grandes quantidades são entendidas como vilões pela personagem Cipriano. Elas são as responsáveis pela produção de peças que tem caído na preferência dos consumidores do Centro. A personagem, alerta para essa relação de produção que busca atender puramente aos interesses capitalistas e com isso esmaga a produção manufatureira de pequeno porte e a produção industrial.

Na orla da Cintura Industrial havia umas quantas modestas manufacturas que não se percebia como tinham podido sobreviver à gula de espaço e à múltipla variedade de produção dos modernos gigantes fabris, mas o facto era que ali estavam, e olhá-las à passagem sempre tinha sido uma consolação para Cipriano Algor quando, em algumas horas mais inquietas da vida, lhe dava para futurar sobre os destinos da sua profissão. Não vão durar muito, pensou, desta vez referia-se às manufacturas, não ao futuro da actividade oleira, mas foi só porque não se deu ao trabalho de reflectir durante tempo suficiente, sucede isto muitas vezes, (achamos que já se pode afirmar que não vale a pena esperar conclusões só porque resolvemos parar no meio do caminho que nos levaria a elas. (Saramago, 2000, p. 28).

Conforme mencionado anteriormente, a força das produções das grandes fabricas incomodavam muito nossa personagem Cipriano. Numa dessas passagens pelas áreas industriais, ficou surpreso de perceber que ainda existia pequenas manufacturas que resistiam à força dessas grandes fábricas. O lugar na perspectiva de nossa compreensão, pode ser atravessado por elementos que não estão necessariamente dentro desse próprio espaço. Acontecimentos externos, como é o caso das grandes fabricas, podem influenciar e provocar alterações na vida dos sujeitos, em espaços distantes de onde estão instaladas.

Cipriano mora numa pequena povoação com a filha Marta e o cão achado. Sua casa de terreiro grande e uma amoreira preta que é sempre lembrada também é onde fica o Forno da Olaria, instrumento de produção das peças de barro ha três gerações. O lugar onde mora fica bem afastado das áreas centrais, de maior urbanização, onde ele vende suas peças de barro ao centro (um grande comércio que nos faz lembrar um grande Shopping center).

Em suas constantes viagens ao centro a bordo de sua furgoneta, carregada de peças, através das personagens nos são apresentadas diferentes situações de análises geográficas, que possibilitam uma reflexão acerca das relações comerciais, que se desenvolvem cotidianamente e as desigualdades sociais que são construídas.

O crescimento das cidades de forma horizontal, muitas vezes é confrontado com espaços que não atendem essa necessidade capitalista. O avanço em direção a essas mudanças é apresentado na narrativa, com destaque para o uso dos tratores, máquinas que simplesmente ignoram com suas pás o espaço que está sendo removido

Entre as barracas e os primeiros prédios da cidade, como uma terra-de-ninguém separando duas facções enfrentadas, há um largo espaço despejado de construções, porém, olhando com um pouco mais de atenção, percebe-se no solo uma rede entrecruzada de rastos de tratores, certos alisamentos que só podem ter sido causados por grandes pás mecânicas, essas implacáveis lâminas curvas que, sem dó nem piedade, levam tudo por diante, a casa antiga, a raiz nova, o muro que amparava, o lugar de uma sombra que nunca mais voltará a estar. No entanto, tal como sucede nas vidas, quando julgávamos que também nos tinham levado tudo por diante e depois reparámos que afinal nos ficara alguma coisa, igualmente aqui uns fragmentos dispersos, uns farrapos emporcalhados, uns restos de materiais de refugio, umas latas enferrujadas, umas tábuas apodrecidas, um plástico que o vento traz e leva, mostram-nos que este território havia estado ocupado antes pelos bairros de excluídos. Não tardará muito que os edifícios da cidade avancem em linha de atiradores e venham assenhorear-se do terreno, deixando entre os mais adiantados deles e as primeiras barracas apenas uma faixa estreita, uma nova terra-de-ninguém, que assim ficará enquanto não chegar a altura de se passar à terceira fase. (Saramago, 2000, p. 16).

Dizer que ainda há esperança é uma marca forte do autor José Saramago em *A Caverna*, que através de suas personagens, sempre acredita na capacidade de mudança, e vai contra a simplificação do sujeito. A valorização do sujeito é um importante elemento para definição de lugar, já que os lugares são as pessoas o que elas fazem e como elas fazem. Dizer que a sensibilidade torna as pessoas melhores é acreditar que o lugar precisa ser entendido em todas as suas dimensões.

Quando está prestes a chegar em casa, trazendo a péssima notícia da desistência da compra das peças de barro pelo centro, Cipriano descreve com sutileza as características do lugar onde mora. O desconforto da devolução das peças o impede de parar para uma conversa com moradores locais, algo comum em suas viagens de retorno pra casa

Cipriano Algor acenou a uns homens que conversavam, mas, contra o que era costume quando regressava de levar as louças ao Centro, não parou, num momento destes não imaginava o que lhe poderia apetecer, mas não de certeza uma conversa, mesmo tratando-se de pessoas que conhecia, A olaria e a morada em que vivia com a filha e o genro ficavam no outro extremo da povoação, metidas para dentro do campo, apartadas dos últimos prédios. (Saramago, 2000, p. 29).

O fato de acenar para os homens que estavam na praça, e naquele momento de tristeza não conseguir parar para conversa, significa que Cipriano teve sua de certo

modo seu modo de vida alterado com a recusa de suas peças pelo centro. A relação que você tem com as pessoas, no lugar onde mora, ajuda formar a identidade das pessoas. Essa vivência é carregada de significados, que se desenvolvem ao longo das atividades, que formam as experiências que são lembradas, principalmente quando não se está nesse lugar.

Continuando ainda a falar sobre o lugar onde morava, e da sua forte relação de pertencimento com esse mesmo lugar, Cipriano enfrenta um momento delicado: a recusa do centro em adquirir suas peças de barro, fruto de seu trabalho e identidade. A rejeição não é apenas comercial – representa um duro golpe em seu sentimento de valor. A essa decepção e tensão, soma-se as exigências carregadas de desafio de ter que buscar palavras para explicar pra filha o que lhe aconteceu no centro no ato da entrega das peças, enquanto levava o genro para trabalhar de guarda.

Ao entrar na aldeia, Cipriano Algor havia reduzido a velocidade da furgoneta, mas agora avançava ainda mais devagar, a filha devia de estar a acabar de preparar o almoço, eram horas disso, Que faço, digo-lho já, ou depois de termos comido, perguntava a si mesmo, É preferível depois, deixo a furgoneta no alpendre da lenha, ela não pensará em ir ver se trago alguma coisa, hoje não era dia de compras, assim poderemos comer tranquilos, isto é, comerá ela tranquila, eu não, e no fim conto-lhe o que sucedeu, ou então talvez lá mais para o meio da tarde, quando estivermos a trabalhar, tão mau seria ficar a sabe-lo antes de termos almoçado como logo a seguir. (Saramago, 2010, p. 29).

Fica demonstrado então que na casa de Cipriano, Marta sua filha sempre o esperava com o almoço que fora produzido com muito carinho, já pronto. O desespero de ter que contar para filha que as peças foram rejeitadas pelo Centro, causa um grande desconforto a nossa personagem principal. A casa se torna lugar, na medida em que cria significados para as pessoas. Aquele almoço em família, aquele café com os amigos, aquele bate papo à sobra de uma amoreira preta, mangueira, goiabeira ou aquele encontro com amigos, o sentar no banco da praça para bater um bom papo, os momentos de prazer ou dor, ajudam criar memórias e experiências e com assim formar o lugar.

Cipriano, movido por sua vivência profunda e sensível do lugar onde mora, revela em suas ações uma carga emocional marcada pelo pertencimento e pela memória. Sua experiência não é neutra; ela é moldada por afetos, perdas e resistências, sendo atravessada por significados que vão além do físico. Nesse sentido, vale lembrar as definições de Tuan (2013, p. 17), para quem o pensamento da cor à experiência humana, incluindo sensações primárias como calor e frio, prazer

e dor. O calor, por exemplo, pode ser sentido como sufocante ou ardente; a dor, como aguda ou fraca; uma provocação, como irritante ou até mesmo uma força brutal.

Em Cipriano essas emoções não se manifestam apenas em seu corpo, mas em sua relação com o lugar, o trabalho e os vínculos familiares. Sua vivência no lugar é intensamente afetiva, portanto, o peso da rejeição das peças tem grande significado simbólico. A tristeza sentida pelo oleiro, se mistura às emoções da filha, que percebe seu sofrimento e procura a todo tempo ajudar o pai, com os novos desafios. A proposta de fabricação de bonecos, representa uma tentativa de reinventar a olaria. Mostrar que estava chegando com o som da buzina da furgoneta, ajuda reforçar o estreito laço afetivo do oleiro com seu lugar

A estrada fazia uma curva larga onde terminava a povoação, depois do último prédio via-se à distância uma grande amoreira-preta que não deveria ter menos de uns dez metros de altura, ali estava a olaria. O vinho foi servido, vai ser preciso bebê-lo, disse Cipriano Algor com um sorriso cansado, e pensou que muito melhor seria se o pudesse vomitar. Virou a furgoneta à esquerda, para um caminho em subida pouco pronunciada que conduzia à casa, a meio dele deu três avisos sonoros a anunciar que chegava, sempre o fazia, a filha estranharia se hoje não o fizesse. (Saramago, 2000, p. 29)

Naquele dia fatídico, da rejeição das peças pelo Centro, ao chegar em casa, Cipriano não repete os mesmos gestos feitos por vários anos. A postura firme da personagem indica uma vontade de enfrentar os desafios. Os obstáculos estão colocados, então é preciso transpô-los.

O lar de Cipriano, se pensarmos numa definição de Tuan (2013, p. 11) “Sua velha casa”, aparecem descritos no trecho a seguir, reafirmando os laços familiares de gerações. O forno obra iniciada pelo avô, foi construído de forma simples num terreiro batido, à sombra de uma amoreira preta, árvore simbólica e frondosa que traz à tona memórias. Através do pai de Cipriano, a reforma do forno ganha retoques e por meio de Cipriano, continuou servindo ao propósito de alimentar a família por três gerações no trabalho com o barro

A morada e a olaria tinham sido construídos neste amplo terreiro, provavelmente uma antiga eira, ou um calcadoiro, no centro do qual o avô oleiro de Cipriano Algor, que também usara o mesmo nome, decidiu, num dia remoto de que não ficou registo nem memória, plantar a amoreira. O forno, um pouco apartado, já havia sido obra modernizadora do pai de Cipriano Algor, a quem também idêntico nome fora dado, e substituíra um outro forno, velhíssimo, para não dizer arcaico, que, olhado de fora, tinha a forma de dois troncos de cone sobrepostos, o de cima mais pequeno que o de baixo, e de cujas origens tão pouco havia ficado lembrança. Sobre os vetustos alicerces dele tinha-se construído o forno actual, este que cozeu a carga de que o Centro só quiz receber metade, e agora, já frio, espera que o carreguem de novo. (Saramago, p. 30).

Dizer que o forno usado para fabricação das peças de barro, fica à sombra de uma amoreira preta, e que fora construído originalmente há muitos anos pelo avô, apesar de ter sido modernizado pelo pai de Cipriano Algor, nos ajuda a pensar a estreita relação do oleiro com aquele lugar. Nos permite com isso estabelecer comparações com as definições de lugar na Geografia Humanista, onde a experiência ajuda construir sentidos. E que as emoções criadas nos lugares contribuem na construção de memórias.

A relação entre a história da família Algor no lugar onde morava e suas práticas tradicionais de olaria, descrita por Saramago, no livro *A Caverna* e a possibilidade da migração para o Centro, revelam como a memória e a tradição são fundamentais na construção da identidade e da cultura de um lugar. A morada e a olaria, com suas histórias de gerações e as transformações ao longo do tempo, simbolizam a conexão intrínseca entre o oleiro e seu lugar.

Ao considerar a migração para o centro como uma alternativa às transformações no lugar onde morava, ocasionada pela recusa das peças feitas a partir do barro, é possível observar como as experiências e saberes acumulados em um lugar podem permanecer, mesmo em situações extremas de contato com outros lugares e novas culturas.

2.6 A caverna, o lugar e migração sob a perspectiva da Geografia escolar

Dentro da Geografia Escolar, entendendo o lugar numa perspectiva humanista a partir da linguagem literária, vamos pensar a migração internacional de Vila Nova Floresta, lugar onde moramos, como fruto do envolvimento de diversos fenômenos. A escolha da migração como fenômeno local, no estudo do livro *A caverna*, para nos ajudar entender tal conceito, acontece pelo fato de considerar sua força na transformação do lugar onde moramos. Para introduzir o conceito e iniciar nossa reflexão a partir de então seguimos com Patarra

A dinâmica das migrações internacionais envolve fenômenos diversos e seu entendimento exige olhares multidisciplinares. O entendimento dos processos sociais envolvidos nos fluxos de pessoas entre países, regiões e continentes passa pelo reconhecimento de que sob a rubrica migração internacional estão envolvidos fenômenos distintos, com grupos sociais múltiplos e implicações diversas. Se, de um lado, interessa aos estudiosos da mobilidade humana reter o termo migração como forma de legitimar e garantir a visibilidade do que está sendo tratado, também está posto o desafio de concretizar, em termos teórico conceituais, “as diversas e complexas interligações de instâncias sociais, econômicas, culturais, jurídicas e

institucionais, entre outras, que envolvem os movimentos de pessoas que cruzam fronteiras de Estados-nação.” (Patarra, 2006, p. 09)

Dizer que as migrações envolvem fenômenos diversos, ajuda enxergar como o debate em torno do tema, envolve cuidados necessários e apoio em pesquisadores, que tem pensado o tema, para além de simples denominações gerais. A força das redes sociais de apoio à migração nos ajuda iniciar esse fenômeno tão delicado e profundamente ligado a questões emocionais, que envolvem o lugar.

No livro *A Caverna*, de José Saramago, as personagens, Cipriano Algor, sua filha Marta e seu genro Marçal Gacho, são colocados diante do desafio de ter que mudarem para o Centro - uma espécie de Shopping Center, numa grande cidade. Estamos, portanto, nessa alegoria, diante de um fenômeno que o autor classifica como mudança, e que denominaremos de migração rural-urbana.

Sobre a migração rural-urbana no Brasil, Braga, Lima e Fazito (2010) escreve que as transformações recentes da dinâmica migratória, precisam ser compreendidas como parte de um fenômeno mais complexo de mobilidade populacional e incluem sobreposição entre fluxos internos e internacionais, com destaque para formação de comunidades internacionais. Ainda de acordo com esses autores, numa rede de circulação mais ampla, fatores econômicos, sociais e espaciais exercem forte influência sobre esses tipos de deslocamentos.

Eles não acontecem de forma isolada, estando inseridos em redes de circulação mais amplas. Muitas vezes esses movimentos estão associados a fluxos migratórios globais, à busca por trabalho e não apenas o abandono de atividades agrícolas. Na análise a partir do livro *A Caverna* de José Saramago, as motivações para essa mudança para o centro, nessa migração rural-urbana, são a perda do trabalho e a promoção de Marçal Gacho, genro de Cipriano.

A migração internacional de acordo com Weber Soares (2004) deve ser compreendida como um fenômeno estruturado por redes sociais, densas que articulam os laços pessoais e, institucionais e econômicos entre migrantes, comunidades de origem e destinos. O referido autor destaca ainda que os fluxos migratórios não resultam apenas de decisões individuais motivadas por privações materiais, mas se apoiam em conexões preexistentes como: familiares, amistosas e profissionais, que oferecem suporte logístico informacional e emocional aos imigrantes.

A análise revela que tais redes não só facilitam o processo de migração, mas também o tornam culturalmente inteligível para os novos imigrantes, evitando maiores dificuldades. Continuando, portanto, de acordo com o que escreve Soares (2004) a internacionalização da mobilidade humana é vista como um efeito emergente de estruturas sociais existentes: a migração ocorre por meio delas e, ao mesmo tempo, reforça e amplia essas redes, consolidando-se como um fenômeno relacional e dinâmico.

É nosso interesse nesse trabalho entender como as migrações internacionais e internas compartilham de características comuns, de acordo com Weber Soares (2004). Ambas são motivadas por fatores estruturais e redes sociais, que condicionam as decisões e trajetórias dos migrantes. De acordo com a autor, tanto no âmbito interno quanto no internacional, os deslocamentos não ocorrem apenas por motivos econômicos, como busca por emprego ou melhores condições de vida, mas são fortemente mediados por redes sociais – familiares, comunitárias e institucionais – que fornecem suporte, informação e segurança aos migrantes.

O Centro, ao fornecer um apartamento a Marçal, genro de Cipriano na ocasião de sua promoção a guarda residente, aqui pode ser entendido como um elemento que oferece segurança ao processo de mudança. O problema, portanto, reside no sofrimento da nossa personagem principal de ter que deixar seu lugar. O desafio de não ter a quem vender suas peças de barro é também uma importante motivação para saída de nossas personagens.

Um outro ponto em comum entre a migração interna e internacional é o papel das desigualdades regionais e socioeconômicas como motor de migrações. Tanto na escala interna, quanto na internacional, o movimento se dá geralmente de áreas mais pobres para regiões percebidas como de maior oportunidade (Braga, Lima e Fazito, 2010). Vale lembrar que ambas as formas de migração impactam o território de origem e de destino, provocando mudanças demográficas, culturais e econômicas – como reconfiguração do mercado de trabalho, transformação urbana, e consolidação de comunidades migrantes (Soares, 2004; Braga et al., 2010)

No lugar onde moramos, entendemos que a migração ganha contornos especiais. De acordo com Alves, (2013, p. 74) a categoria famílias transnacionais, será definida e caracterizada, por famílias que se separaram geograficamente, mas

fizeram arranjos para garantir o cuidado tanto dos que ficaram como dos que partiram. Pensando na migração dos moradores da Cidade de Governador Valadares, Alves (2013) afirma que, os fortes vínculos com os locais de destino das migrações internacionais é uma característica importante na região de Governador Valadares e evidenciada sob diversos aspectos. Em relação às definições da Organização das Nações Unidas em relação ao processo migratório, Maria Zenaide, faz a seguinte afirmação

Para a Organização das Nações Unidas (1997), o conceito de migrante não deve pautar-se apenas no fato de o sujeito atravessar ou não uma barreira política, mas há que se considerar critérios como duração da estadia, razões para o deslocamento e até as condições de cidadania de que dispõem o migrante na região ou país de acolhimento. (Alves, 2007).

Assim, concordamos com Silva (2013), quando buscamos entender essa dinâmica migratória desses moradores de Vila Nova Floresta, que há que se compreender, dentro da pluralidade de características que marcam os movimentos populacionais, quem são os sujeitos que protagonizam tais movimentos que estamos chamando de migrantes. (Alves, 2013, p. 112).

Concordando e citando (Moses 2006) Silva afirma que os novos movimentos migratórios muito têm de diferente de movimentos migratórios anteriores. A migração de africanos na condição de escravos no período mercantilista, foi muito marcante e bem distinto do movimento migratório atual

De acordo com esse autor, três etapas distintas no histórico dos movimentos migratórios podem ser identificadas: o período mercantilista, marcado pela migração forçada de africanos para a América; o período liberal, caracterizado pelo estímulo à circulação de pessoas; e o novo período liberal contemporâneo, que se caracteriza pela aceleração dos processos, por diversas razões e, paradoxalmente, pelo acirramento do controle das fronteiras. Ademais, esse grupo que protagoniza as migrações nos períodos mais recentes da história tem especificidades que diferenciam os movimentos contemporâneos dos períodos anteriores.

Essa dualidade vivida pelos “novos migrantes” após a Segunda Guerra Mundial indica que eles estabelecem raízes no novo país, mas também mantem laços com a sua terra natal. Essa abordagem é central nos estudos do transnacionalismo, que reconhecem que a migração não é apenas uma mudança de lugar, mas uma experiência complexa que envolve conexões contínuas entre diferentes culturas. No contexto estudado, os sujeitos migratórios são caracterizados por essa interligação, o que influencia suas identidades, relações familiares e práticas cotidianas.

Citando Schiller, Basch & Blanc-Szanton, Alves nos traz um exemplo da força desse processo migratório na região de Governador Valadares, quando destaca o depoimento de uma jovem que tem interesse em migrar para outro país.

Transnacionalismo isso porque, como argumentam Schiller, Basch & Blanc Szanton (1992), o que estamos presenciando hoje é um “novo e diferente fenômeno migratório” que, diferente de outros momentos históricos, não se define apenas por pessoas cruzando fronteiras, mas, ao contrário, às vezes parecem até desconhecer fronteiras, conforme o depoimento dessa jovem: “Eu quero ir embora, eu quero trabalhar, eu queria ir pros Estados Unidos, pra Inglaterra, sei lá... Qualquer lugar.” (Thalia).

Entendemos, portanto, que a mudança vivenciada pelas personagens no livro a Caverna, quando Cipriano albor, tem que sair do lugar onde trabalhou e viveu durante toda sua vida, para morar no Centro, se aproxima de uma migração rural-urbana. Com isso entendemos também que a migração, que nos chama a atenção no lugar onde moramos, que é parte importante desse trabalho, como fenômeno local, é migração internacional. Dito isso e reconhecendo essas diferenças, o que nos interessa, portanto, são pontos de aproximação entre essas duas formas de migração.

Nesse caso específico no estudo da categoria lugar, (numa perspectiva humanista, na educação geográfica a partir da leitura literária do livro A caverna de José Saramago) pretendemos entender como esses sujeitos moradores de Vila Nova Floresta, se sentem diante da saída desse lugar de onde viveu boa parte de sua vida e construiu muitas memórias individuais ou coletivas. Como são atravessadas por esse acontecimento, tão marcante e transformador. Para tanto seguimos com a identificação, no livro a Caverna de elementos que nos fazem pensar esse entendimento de lugar.

Dardel (2015) escreve sobre as forças emocionais, que atuam nas saídas das pessoas de um determinado espaço e como esses deslocamentos podem ser interpretados com diferentes olhares dentro da Geografia

A rota às vezes impõe ao homem sua direção porque ele está propriamente "sem direção". As estradas da França, nos dias sombrios de junho de 1940, viram passar essa fila de fugitivos, a maioria indiferente sobre sua direção e demandando apenas uma coisa ao caminho: fugir. Nesse momento, a "geografia da circulação" foi, em seu ponto mais elevado, uma geografia afetiva, o homem só via na estrada a distância, desejada por sua desorientação, instrumento de sua salvação; assim o "êxodo" exteriorizou a emoção interior, o movimento intenso do seu eu para "outros lugares". (Dardel 2015, p. 13,14).

Pensar como componentes emocionais envolvem a migração, como afirma Dardel (2015), nos permite interpretar os impactos que essa migração pode afetar o

lugar de saída desse migrante e ao mesmo tempo seu local de chegada. Saber que as memórias adquiridas com a experiência, no lugar onde viveu, são retomadas no sujeito, como se nunca deste tivessem saído.

A possibilidade de ter que mudar para o Centro, ou seja, abandonar o seu querido lugar, onde vive com sua filha, onde debaixo da amoreira preta muitas histórias foram contadas, onde boas risadas enfeitaram a mesa de jantar, onde o banco de pedra ao lado do forno, foi palco de muitos causos, afagos e arrepios diante de uma nova fornada de peças. Essa preocupação da personagem com a possibilidade de ter que abandonar tudo isso, nos permite pensar a migração do povo da Paca na perspectiva do pertencimento a esse lugar e os impactos dessa saída. Vamos chamar de Paca, o nome social e apelido carinhoso de Vila Nova Floresta, um distrito da Cidade de Governador Valadares MG.

Cipriano Algor retirou-se para o quarto, despiu-se em lentos gestos de uma fadiga que não era só do corpo e estendeu-se na cama soltando um fundo suspiro. Não se conservou assim muito tempo. Soergueu-se na almofada e olhou à sua volta como se fosse a primeira vez que tinha entrado neste quarto e precisasse de fixá-lo na lembrança por alguma obscura razão, como se esta fosse também a última vez que aqui viria e pretendesse que a memória lhe servisse de alguma coisa mais no futuro que recordar-lhe aquela mancha na parede, aquela risca de luz no soalho, aquele retrato de mulher sobre a cómoda. (Saramago, 2000, p 288)

Nessa intensa colocação de Cipriano, sobre suas angustias, quando descreve o momento de observação do quarto na despedida antes da mudança para o Centro, nos permite pensar em quantas despedidas silenciosas, foram feitas por moradores do lugar onde moramos, antes da partida. Aquele guarda roupa, aquele banquinho de bate papo, aquele amigo que fica, tudo isso nos ajuda entender a forma como a migração pode afetar o lugar do emigrante.

Seguiremos ao lado de Cipriano, desvelando os trilhos geográficos da Caverna, com o mapa da Paca aberto ora no painel da furgoneta, ora estendido em cima do forno ou até mesmo na mesa da cozinha, durante o saboreio de um delicioso café, preparado carinhosamente por Marta, conforme aparece nesse trecho a seguir.

Penso que as palavras só nasceram para poderem jogar umas com as outras, que não sabem mesmo fazer outra coisa, e que, ao contrário do que se diz, não existem palavras vazias, Sentenciosa, É doença de família. Marta pôs o pequeno-almoço na mesa, o café, o leite, uns ovos mexidos, pão torrado e manteiga, alguma fruta. Sentou-se em frente do pai, a vê-lo comer. E tu, perguntou Cipriano Algor, Não tenho apetite, respondeu ela, Mau sinal, no estado em que estás, Dizem que estes fastios são bastante comuns nas grávidas, Mas precisas de te alimentar bem, pela lógica deverias comer por dois, Ou por três, se levo gémeos, Estou a falar a sério, Não se preocupe,

ainda me hão-de vir os enjoos e não sei quantas incomodidades mais. (Saramago, 2000).

A migração afetar o lugar de várias maneiras, na medida em que, encontros como os apresentados pela personagem acima, são impedidos de acontecerem. Sentar-se à mesa para almoçar, jantar, tomar café, jogar bola com os amigos do futebol, brincadeiras divertidas com os coleguinhas de sala, bate-papo nos bares e mercadinhos, são interrompidos pela migração. Se em nossa interpretação geográfica de lugar entendemos que encontros em família são capazes de criar memórias, sejam elas coletivas ou individuais, então o processo de deixar seu lugar de morada e migrar internacionalmente provoca grandes transformações.

De acordo com Sayad (1991) os espaços dos deslocamentos, não são apenas físicos, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente e culturalmente. As dificuldades no processo de adaptação são sentidas de forma significativa pelas pessoas de Vila Nova Floresta que migram para os EUA. As redes sociais de apoio, atuam como pontos de contato e facilitadores nesse processo de adaptação, porém as dificuldades de integração a esse novo espaço de morada, representa um importante obstáculo. Como nos descreve Sayad, quando fala da migração de argelinos para França, “é uma vida que não se pode amar; a vida dos cães em nossa terra é melhor do que isso” (Sayad, 1991, p. 34).

Como num gesto de despedida Cipriano, sugere ao genro que vá dar uma volta, enquanto ele se despede daquele lugar de tanta representação simbólica. Um lugar que foi tudo para ele e que nesse momento da sua vida é atingido por um processo de transformação capitalista. Essa situação poética, nos provoca uma inquietação geográfica, e nos instiga a refletir o processo migratório no lugar onde moramos

Acenderei o forno hoje, Tinha dito que só o acenderia amanhã, quando regressasse do Centro, Pensei melhor, será uma maneira de estar ocupado enquanto vocês descansam, ou, se preferirem, peguem na furgoneta e vão dar por aí um passeio, provavelmente, depois da mudança, não lhes apetecerá sair da nova casa tão cedo, e ainda menos para estas bandas, Se viremos cá, ou não, e quando, é assunto para ver depois, o que quero que me diga é se realmente acredita que sou homem para ir dar uma volta com a Marta e deixá-lo aqui sozinho a atirar lenha à fornalha, Posso fazê-lo sem ajuda, Claro que sim, mas, já agora, se não se importa, eu também gostaria de ser parte activa nesta última vez que o forno é acendido, se vai mesmo ser a última vez, Começamos depois do almoço, se é assim que queres. (Saramago, 2000, p. 274).

A tristeza de Cipriano com a possibilidade de mudança é sentida na narrativa acima, quando manifesta o interesse de retirar a lenha do forno pela última vez, como num gesto de despedida daquele lugar de grandes memórias e significados. O choro, o abraço apertado naqueles que ficam, um cheiro e afago no animal de estimação, uma carícia no cabelo e uma última olhada para o quarto. Gestos assim, como do oleiro Cipriano Algor, com o seu forno a lenha, que tantas peças produziram, apontam para a necessidade de olhar esse sujeito por inteiro.

A possibilidade de mudança para o centro não era vista pelas personagens de forma igual. Os pais de Marçal, tinham muita vontade de morar com o filho no Centro. Marçal o genro de Cipriano era guarda no Centro e iria passar a guarda residente. Essa condição de guarda residente, lhe conferia um status, que lhe permitiria alguns benefícios. O acesso ao plano de saúde, é um exemplo dessas vantagens, como aparecem no trecho abaixo

Estás a devanear, dá-me um beijo. Antes desta delicada conversa e deste beijo, Marçal tinha exprimido veementes votos por que a mudança para o Centro se fizesse antes do nascimento, terás a melhor assistência médica e de enfermagem que alguma vez poderias imaginar, não existe nada que se lhe assemelhe, nem de longe nem de perto, e tanto em medicina como em cirurgia. (Saramago, 2000, p. 274).

As vantagens apresentadas pelo centro, que são descritas pelo genro de Cipriano, ao explicar para Marta sua esposa os benéficos na área de saúde, em relação à assistência médica e de enfermagem, indicam uma característica que são comuns no processo migratório tanto interno quanto internacional, já citados anteriormente. O movimento acontece geralmente de áreas mais pobres para regiões de maior oportunidade (Braga, Lima e Fazito, 2010).

A exaustão de Cipriano, percebida por Marçal, com a possibilidade de mudança para o Centro e a consequente perda de vínculo com o seu lugar, aparece diante da expressão do trecho a seguir, onde antes aproveitamos para dizer que concordamos com Dardel, quando escreve que a relação vivida dos homens com lugares determinados faz verdadeiramente deles, num sentido rigoroso, “gente do lugar”. Daí a migração de uma tribo ou clã ser considerado uma ruptura, um transplante (Dardel, 2015 p. 50). Nos apoiamos então nesse referencial teórico, tão representativo para Geografia Humanista, para pensarmos o que o Lugar representa na vida dos sujeitos. Diante do que está colocado, não nos causa espanto o uso da palavra “espinhosa”

usada para indicar o pensamento da personagem Cipriano Algor, quando se refere ao assunto de migrar para a grande cidade, aqui representada pelo Centro

O que Marçal pretendeu foi simplesmente evitar que se caísse outra e outra vez no debate sobre a espinhosa questão da mudança para o Centro, avonde temos visto com começa, avonde temos visto como costuma terminar. Na manhã seguinte, já Cipriano Algor estava entregue ao seu labor, Marçal entrou na olaria, Bons dias, disse, apresenta-se o praticante. Marta vinha com ele, mas não se ofereceu para trabalhar, ainda que estivesse segura de que o pai não a mandaria embora desta vez. A olaria era como um campo de batalha onde uma só pessoa tivesse andado durante quatro dias a pelejar contra si mesma e contra tudo o que a rodeava. (Saramago, 2000, p. 214).

As inquietações sentidas por Cipriano, com a ideia de que precisaria abandonar toda aquela composição de sua vida, lhe incomodavam tanto, que pareciam espinhos a perfurar lhe arduamente a pele. Mudar (migrar) para o Centro - aqui entendido como um representante do capitalismo, lhe consumia, mentalmente. As marcas intersubjetivas, que compõem o sujeito, podem ser incluídas numa análise das transformações de um lugar a partir do fenômeno da migração. Através da experiência na vivência em Vila Nova Floresta, podemos afirmar que os alunos de uma determinada turma, sofrem transformações em suas vidas, a partir da migração de um colega que frequentava sua turma, até quando os pais decidiram migrar para os EUA.

Cipriano se preocupa com o tamanho do apartamento, quando o genro Marçal, explica que já o tinha visto e que era menor que a casa onde moravam. Aproveita o momento para questionar se o tamanho seria o suficiente para caber todos de forma confortável

Mas as preocupações de Cipriano Algor tinham-se encaminhado noutra direcção, Quando fazem a mudança, O mais breve possível, já vi o apartamento que me foi destinado, é mais pequeno do que a nossa casa, mas isso compreende-se, por muito grande que o Centro seja, o espaço não é infinito, tem de ser racionaliza- do, Achas que caberemos lá todos, perguntou o oleiro desejando que o genro não se apercebesse do tom de melancólica ironia que no último momento se entremetera nas palavras, Cabemos, fique descansado, para uma família como a nossa o apartamento chega à vontade, respondeu Marçal, não precisaremos de dormir à vez. (Saramago, 2000, p. 259).

Os apartamentos pequenos para os guardas residentes do Centro comercial, sinalizam na direcção de uma maior valorização dos espaços nas áreas urbanas. O contraste no tamanho da casa da personagem Cipriano e o apartamento para onde migrariam representam uma preocupação da personagem, que transforma essa diferença em obstáculos ao abandono do lugar. As atividades e os elementos como a amoreira preta, a casinha de cachorro, o forno a lenha, o banco de pedra, a praça de

uma barriga só, a sombra dos platôs, o aceno dos moradores, o cachorro achado, o cemitério onde estava enterrado a esposa. Seguindo então na direção de pensarmos a construção do lugar, e então entendemos que migrar para um apartamento pequeno, no Centro comercial, representa uma perda maior do que só o espaço da casa.

Problematizando os elementos que ajudam a formar a identidade de um lugar, destacando os instrumentos que possuem valores simbólicos e intersubjetivos, na Casa de Cipriano, na hora da mudança, Cipriano é surpreendido alegoricamente, quando o genro afirma que não era necessário levar quase nada de pertences, porque o apartamento do Centro, para onde migrariam, já era equipado

Marçal deu uma importante informação de que se havia esquecido, e essa desagradou francamente a Marta, Queres dizer que não poderemos levar daqui as nossas coisas, Algumas sim, as de decoração da casa, por exemplo, mas não as mobílias, nem as louças, nem os vidros, nem os talheres, nem as toalhas, nem as cortinas, nem as roupas de cama, o apartamento já tem tudo o que se necessita, Portanto mudança, mudança, aquilo a que chamamos uma mudança, não haverá, disse Cipriano Algor, Mudam-se as pessoas, é essa a mudança. (Saramago, 2000, p. 260).

A notícia que seria necessário deixar para traz as mobílias da casa e alguns dos utensílios, na migração para o centro, representa um duro golpe que foi sentido por Marta e Cipriano, naquilo que podemos salientar como instrumentos que ajudam a transformar nossa casa em lugar. O lugar interpretado nesse estudo como tendo o sujeito valorizado em sua completude, abre caminhos para pensarmos um mundo com mais equidade e uma escola que transforma as pessoas por meio da Geografia.

A seguir faremos a explicação dos princípios e procedimentos metodológicos que orientaram a pesquisa, e através dos quais a mesma está sendo desenvolvida. Iniciamos a etapa metodologia, pelo contexto da pesquisa, onde trazemos explicações sobre o lugar de morada e espaço de vivencia dos alunos.

3 METODOLOGIA

Para a realização desse estudo, faz-se necessário situá-lo conforme as categorias e definições de uma pesquisa científica. Para tanto, recorreremos a GIL, (2002). Nesse sentido, de acordo com os objetivos que elegemos para esse trabalho, o delineamento da mesma, os instrumentos utilizados para o seu desenvolvimento, a relação entre pesquisador e participantes da pesquisa, podemos classificá-la de

diversas formas. Assim podemos compreender o caminho, bem como os requisitos que compõem nosso trabalho.

Em relação aos objetivos que propomos, torna-se possível entender nossa pesquisa como exploratória, já que buscamos conhecer um problema, familiarizar-se com o mesmo, com flexibilidade. Além disso, diversas fontes bibliográficas foram consultadas para que nosso trabalho estivesse sustentado teoricamente, com base em outros já realizadas em torno do tema aqui discutido. Somam-se ainda a observação em relação aos colaboradores que contribuíram para a realização da pesquisa.

3.1 O contexto da pesquisa

O estudo contou com a contribuição dos alunos da turma do terceiro ano do ensino médio (EMTI), da Escola Estadual Antônio Job da Cruz. A referida instituição também contribuiu para a realização do trabalho, respeitando as normas de proteção de dados.

A Escola Estadual Antônio Job da Cruz está localizada em Vila Nova Floresta, que é um distrito da cidade de Governador Valadares - Minas Gerais. Fica localizado aproximadamente a 44km de distância da sede do município, conforme podemos observar na figura 1.

Figura 1 – Localização do Distrito de Vila Nova Floresta (Paca) na cidade de Governador Valadares – MG.



Fonte: Google Earth. Acesso em 20/07/2024

De acordo com o censo demográfico do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) realizado em 2022, a população total do distrito é de 2.077 pessoas. É um lugar, que foi se formando com os moradores se estabelecendo em torno de uma rua principal, conforme podemos perceber na figura 2. O Distrito de Vila Nova Floresta, é também conhecido como Paca, sendo que este nome, foi atribuído pelos primeiros moradores.

Figura 2 – Vista aérea do Distrito de Vila Nova Floresta (paca), na cidade de Governador Valadares – MG.



Fonte: Google Earth. Acesso em 20/07/2024

Esse nome antigo “Paca” ainda persiste sendo muito utilizado pelos moradores. Só existe na “Paca” uma única praça, onde apesar de não possuir nenhum brinquedo instalado, é um espaço em que as crianças adoram brincar, principalmente à noite, sob a vigilância dos pais que ficam sempre por perto enquanto as crianças se divertem.

Em Vila Nova Floresta foi construída a penitenciária Francisco Floriano de Paula, (inaugurada em 1998), que fica localizada a uma distância de aproximadamente 2km da área central, conforme figura 3. A referência à penitenciária, está ligada ao fato de sua construção ter promovido alterações na dinâmica populacional do distrito, que recebe novos moradores, sendo esses trabalhadores ou familiares de alguns detentos que em situações de transferência do

familiar em condição penal, preferem continuar morando no distrito. A população carcerária, foi contabilizada, de acordo com IBGE 2010, como população rural desse distrito.

O lugar também apresenta como característica a migração internacional, que influencia na sua composição demográfica, sendo esse tema refletido no capítulo anterior.

Figura 3 – Vista aérea da Penitenciária Francisco Floriano de Paula, localizada no distrito de Vila Nova Floresta.



Fonte: Google Earth. Acesso em 20/07/2024

É nessa comunidade que está inserida a Escola Estadual Antônio Job da Cruz, da qual falaremos na sequência.

3.2 A escola

A Escola Estadual Antônio Job da Cruz, foi fundada no ano de 1969, e possui atualmente 171 alunos.

Seu funcionamento, acontece em três turnos atendendo desde o ensino fundamental, o ensino médio e a educação de jovens e adultos EJA. Sendo que as turmas de um modo geral, são compostas por poucos alunos, em torno de 20 alunos. As atividades foram desenvolvidas no espaço dessa escola, que fica localizada na rua

professora Maria Celeste, área central do distrito de Vila nova Floresta, próximo da quadra poliesportiva da comunidade e do campo de futebol, conforme figura 4.

Figura 4 – Vista aérea da Escola Estadual Antônio Job da Cruz, no distrito de Vila Nova Floresta, Governador Valadares - Minas Gerais



Fonte: Google Earth. Acesso em 20/07/2024

3.4 Os princípios metodológicos

Nosso trabalho discutiu a categoria lugar na Geografia escolar a partir do uso da obra literária *A caverna*, de José Saramago, seguindo um viés na Geografia humanista, que considera o sujeito em suas experiências, percebendo o lugar de forma intersubjetiva. Nesse sentido percebemos o trabalho com aproximações em relação ao método fenomenológico, pois valoriza essas experiências, como indicadores relevantes para o entendimento geográfico da categoria de Lugar. Assim compreendemos essa pesquisa com características qualitativas, por analisar e descrever seu desenvolvimento a partir de observações, conversas, evidenciando o papel do sujeito que contribui para a mesma.

Desenvolvemos nosso trabalho, com a contribuição do terceiro ano do Ensino médio, turma que, é composta por 12 alunos, com idades entre 16 a 18 anos, sendo a maioria moradores de Vila Nova Floresta e alguns moradores nas fazendas próximas.

Dito isso, passaremos então à descrição das atividades desenvolvidas para o alcance do objetivo proposto.

3.5 Atividades desenvolvidas

Num primeiro momento, a sala de aula foi preparada para o contato inicial entre os alunos, a obra e o autor. Foi distribuído um livro para cada aluno, adquiridos com recurso próprio no valor de R\$360,00. Foram projetadas imagens do autor José Saramago e de suas obras. Na ocasião também expostas e usadas tigelas e utensílios de barro, feitas pelo Sr Alberto, numa Olaria próxima à escola, na cidade de Governador Valadares, conforme figura 12 e figura 13 no Apêndice A.

Foi feita uma apresentação biográfica do autor José Saramago e suas obras, através de textos e imagens. Logo após foi servido um café aos alunos na própria sala de aula, sendo que os biscoitos e rosquinhas servidos, também são feitos num forno a lenha, por Dona Lurdes, uma moradora local.

A atividade proporcionou não apenas o incentivo à compreensão teórica do conceito de lugar, mas também uma experiência sensorial e literária com a presença física do livro *A Caverna* de José Saramago, que reforça o papel do lugar na construção das identidades. Assim, a literatura torna-se parceira da geografia e juntas contribuem numa relação intersubjetiva, no aprendizado geográfico da Geografia Escolar. Conforme figuras 17, 18 e 19 no Apêndice A, podemos perceber o momento do café geográfico literário.

A partir daí, foram realizados encontros semanais, em que ocorria a leitura de trechos previamente selecionados, sendo o tempo dividido geralmente entre a leitura (cerca de vinte minutos) e brincadeiras e diálogos sobre o texto, bem como a experiência de leitura. As figuras 20 e 21 no Apêndice A, nos mostram esses momentos.

Para tanto foram utilizados diversos locais para os encontros-diálogos, buscando uma aproximação do sujeito com o lugar e a leitura, como por exemplo, o campo de futebol, biblioteca, quadra, e a sala de aula. Conforme as figuras 22, 23, 24 e 25 no Apêndice A.

Após as leituras, os registros das impressões ocorriam oralmente e/ou escritos através do caderno de anotações, conforme que foi disponibilizado para cada aluno.

De modo que esse mesmo espaço foi usado para registros de impressões das leituras feitas em casa de acordo com o interesse do aluno contribuinte. As figuras 26, 27 e 28 no Apêndice A, mostram os cadernos de anotações.

Finalizando as atividades, numa relação entre a obra e o contexto em que está inserido o estudo, os alunos contribuíram, realizando perguntas aos familiares, que migraram sobre sua relação com o lugar de origem: Paca ou Vila Nova Floresta, revelando impressões e sentimentos que serão discutidos na seção posterior.

Para a análise dos resultados elegemos algumas questões fundamentais que apontam para um entendimento da categoria geográfica de Lugar, numa perspectiva humanista, as quais citamos a seguir:

- ✓ Em que medida a proposta de uso da literatura, através da obra A caverna, para o ensino da categoria de lugar na Geografia escolar amplia o interesse pelo aprendizado.
- ✓ A capacidade de percepção dos espaços afetivos na obra a caverna e a relação desses com o lugar de vivencia.
- ✓ Vínculos afetivos refletidos na obra A caverna e percebidos nos espaços de vivencia em relação as atividades de trabalho desenvolvidas pelos familiares.
- ✓ A relação de pertencimento ao lugar a partir da experiencia da migração internacional vivenciada por moradores da comunidade

3.6 Analisando resultados do estudo

A escolha de trechos da obra que remetem à afinidade com o lugar de vivência de Cipriano e os dramas de sua possível saída desse lugar onde viveu grande parte de sua vida, nos apresenta uma aproximação imersiva geográfica no espaço onde está inserida a escola e espaço de vivência dos alunos.

A partir daqui refletiremos os trechos lidos e as impressões dos alunos, que contribuíram para o desenvolvimento do trabalho, seja oralmente ou com os registros no caderno de pesquisa durante os encontros.

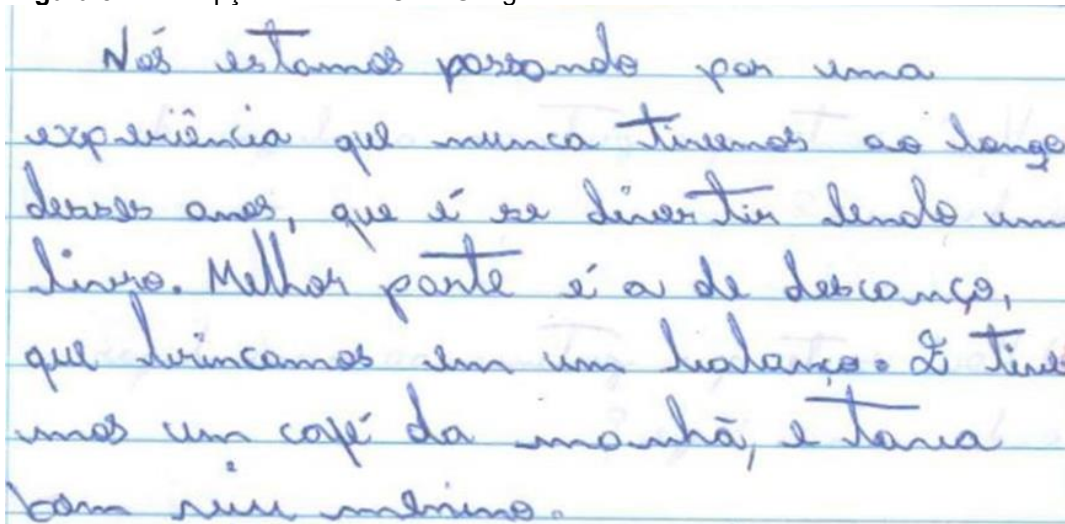
No primeiro contato com a obra de Saramago, por ocasião do Café Geográfico Literário, foi possível observar um interesse e curiosidade pelos utensílios de barro utilizados para servir os alimentos, sinalizando que a leitura do livro poderia despertar novos olhares para o lugar de vivencia. Como por exemplo, uma olaria próxima à

comunidade, que não era conhecida por nenhum deles. Da mesma forma, os biscoitos fabricados em um forno de barro por uma moradora local, que muitas vezes passa despercebida na comunidade. Ainda nesse primeiro momento, foi possível perceber impressões de espanto em relação a espessura do livro, bem como uma curiosidade em relação a sua capa, bem como a vida do autor, cabendo a nós estabelecer as aproximações entre autor obra e a Geografia, possibilitando a ampliação do conhecimento e o olhar para o seu lugar de vivência: Paca. Tal atitude vai ao encontro do que preconiza Cavalcanti (.....). ao afirmar sobre a importância da análise do espaço de vivência do aluno no ensino da Geografia escolar.

No encontro de leitura que ocorreu ao ar livre, no espaço do campo, foram selecionados diversos trechos. Optamos por iniciar nossa leitura coletiva do livro pelo momento em que Cipriano recebe a notícia de rejeição de suas peças pelo centro. Nossa intenção com essa escolha foi para provocar uma reflexão acerca dos dilemas que povoaram os pensamentos e atitudes de Cipriano, trazendo essa necessidade de repensar sua profissão, seu lugar e com isso trazer uma contextualização.

Sobre os primeiros encontros e leituras de trechos do livro, foram realizados comentários orais e escritos por parte dos alunos, como por exemplo, o que se segue.

Figura 5 – Percepções sobre o Café Geográfico Literário e o momento de leitura coletiva.



Nós estamos passando por uma experiência que nunca tivemos ao longo desses anos, que é se divertir lendo um livro. Melhor parte é a de desconção, que levamos em um momento de tempo com um café da manhã, e tána com meu menino.

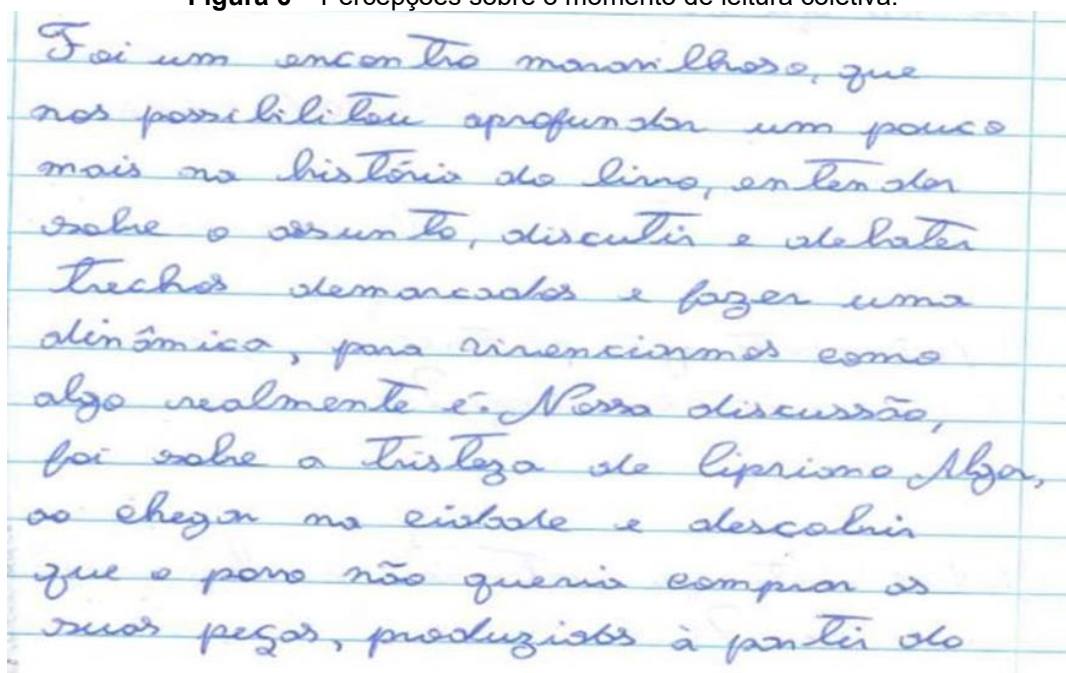
Fonte: Arquivo pessoal do autor

A produção autoral acima, nos oportuniza refletir sobre as experiências que nós como professores podemos compartilhar no contexto do ensino de Geografia, pois

como aponta Pedro Demo (2002), “um profissional competente não perderia a oportunidade de aproveitar a motivação lúdica da criação para impulsionar ainda mais o questionamento reconstrutivo”.

Da mesma forma, a percepção do lugar a partir da obra estimula o aluno a voltar o olhar para o seu lugar de vivência, demonstrando como pode ser eficiente, um trabalho que reúna a literatura e a Geografia no estudo do lugar, conforme o comentário a seguir.

Figura 6 – Percepções sobre o momento de leitura coletiva.



Foi um encontro maravilhoso, que nos possibilitou aprofundar um pouco mais na história do livro, entender sobre o assunto, discutir e debater trechos destacados e fazer uma dinâmica, para vivenciar como algo realmente é. Nessa discussão, foi sobre a tristeza de Cipriano Albuquerque, ao chegar na cidade e descobrir que o povo não queria comprar os seus peões, produzidos à partir do

Fonte: Arquivo pessoal do autor

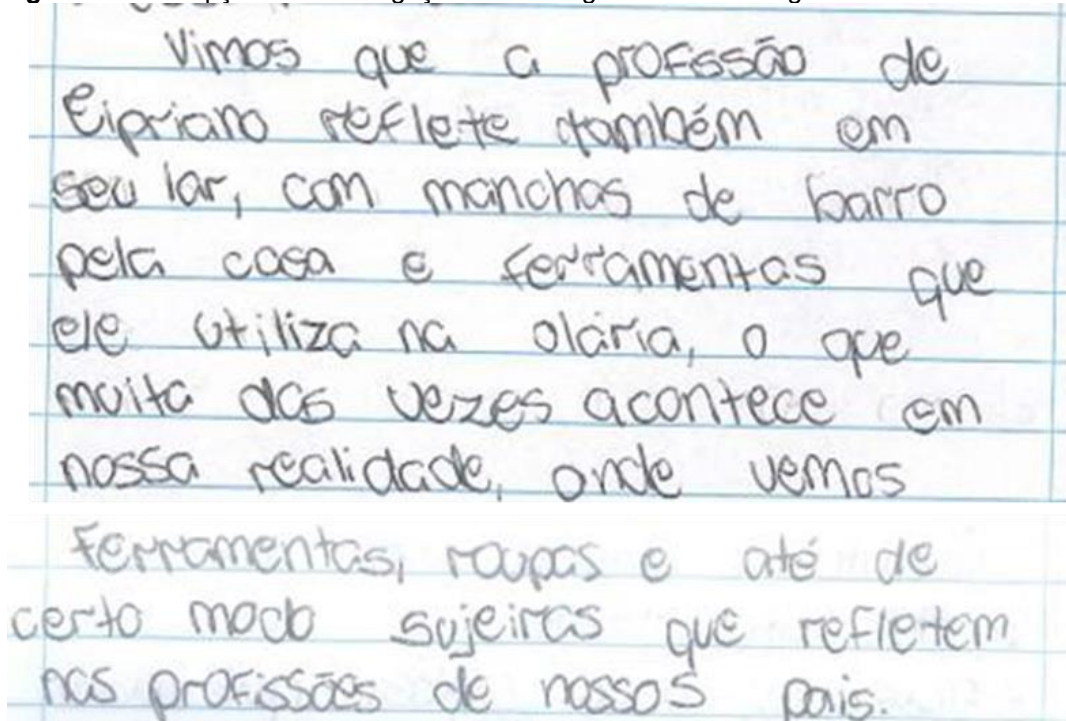
De acordo com Cavalcanti (2010) fazer um estudo do lugar de vivência do aluno, pode possibilitar a compreensão e resolução de problemas do cotidiano. Essa análise do local, precisa ser pensada a partir de uma interconexão com o global. A noção sobre a realidade da personagem através do comentário, nos remete a reflexão acerca das relações comerciais e a produção industrial em larga escala, que tem suprimido a produção artesanal.

Em outros encontros de leitura do livro A caverna, problematizamos a partir da situação da personagem Cipriano, quando percebe as marcas e os sinais do seu ofício espalhados por toda a casa, como percebemos no trecho

Devo ser mais compreensiva, devo pôr-me no seu lugar, imaginar o que será ficar de repente sem trabalho, separar-se da casa, da olaria, do forno, da vida. Repetiu as últimas palavras em voz alta, Da vida, ao mesmo tempo que subitamente a vista se lhe turvou, tinha-se posto no lugar do pai e sofreu como ele estava sofrendo. Olhou em redor e reparou pela primeira vez que tudo ali estava como coberto de barro, não sujo de barro, somente da cor que ele tem, da cor de todas as cores com que saiu da barreira, o que foi sendo deixado por três gerações que todos os dias mancharam as mãos no pó e na água do barro, e também, lá fora, a cor de cinza viva do forno, a derradeira e esmorecente mornidão de quando o deixavam vazio. Pg 35

Da mesma forma os alunos leitores da obra conseguiram perceber a presença das marcas e sinais das profissões dos pais e familiares no espaço da casa. A presença de instrumentos que representam o trabalho dos pais nesses espaços é identificada, conforme descrevem relatando que por onde eles andam na casa, encontram alguma coisa que mostra a profissão dos seu pais, seja um pedreiro (ferramentas velhas, espalhadas pelo quintal, vasilhas de colocar massa, sujas com resto de cimento e outros materiais); seja um professor (livros, cadernos, pinceis, apagador); seja um vaqueiro (botas sujas de esterco, cheiro dos animais, cordas); seja uma doceira (tacho, fornalha de barro).

Figura 7 – Percepções sobre a ligação entre o lugar literário e o lugar de vivência do aluno.



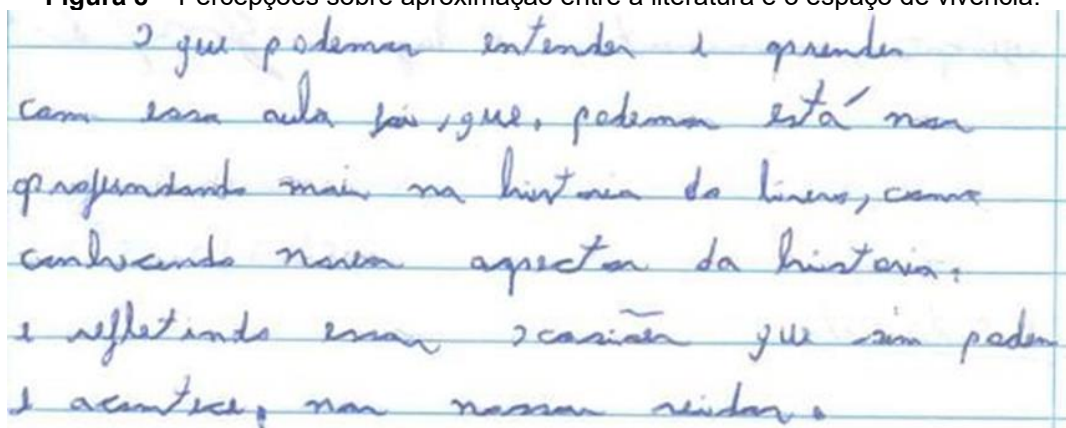
Vimos que a profissão de Eipriano reflete também em seu lar, com manchas de barro pela casa e ferramentas que ele utiliza na olaria, o que muita das vezes acontece em nossa realidade, onde vemos ferramentas, roupas e até de certo modo sujeiras que refletem nas profissões de nossos pais.

Fonte: Arquivo pessoal do autor

Desse modo foi possível demonstrar a capacidade dos leitores da obra A caverna em relacionar elementos simbólicos e afetivos presentes no livro através das personagens aproximando-os aos elementos simbólicos e afetivos presentes no seu lugar de vivência, sobretudo as atividades laborais exercidas pelos pais.

Também através das contribuições dos alunos a partir da leitura, foi possível perceber que existe nos leitores o entendimento de que o aprofundamento no estudo da obra literária, A caverna, como instrumento para o estudo da Geografia Escolar pode provocar a reflexão sobre situações reais, vividas no lugar onde moram. O que se comprova com o trecho a seguir.

Figura 8 – Percepções sobre aproximação entre a literatura e o espaço de vivência.



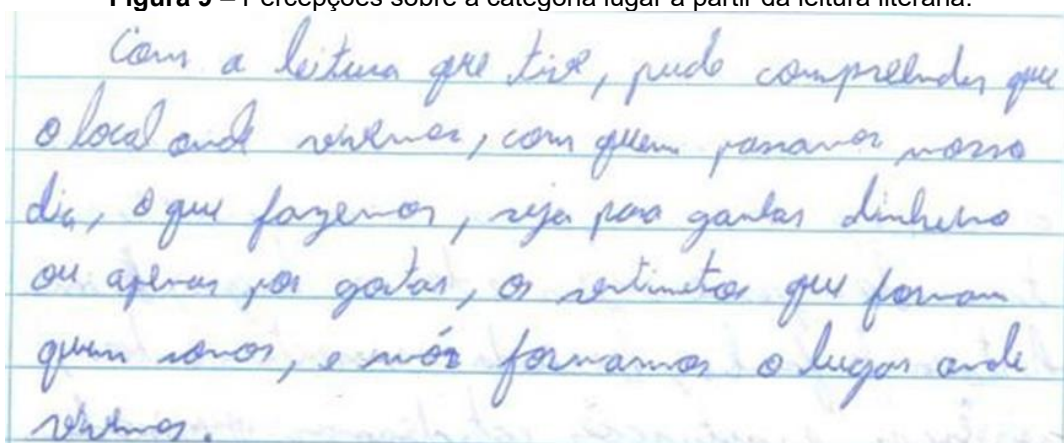
É que podemos entender e aprender
com essa aula pois, que, podemos está nos
profundando mais na história da literatura, como
conhecendo nossa história da literatura,
e refletindo essa história que não pode
acontecer, não nossa realidade.

Fonte: Arquivo pessoal do autor

De acordo com o autor Marandola Jr, quando expõe sobre a importância das obras literárias no ensino de Geografia, entendemos que esse fato evidencia que a obra A caverna direciona o entendimento da categoria lugar, permitindo ao leitor voltar-se para seu espaço de vivência, num trabalho de idas e vindas de significados e experiências.

Pensando ainda na relação entre a obra A caverna e o sentido de lugar na Geografia humanista, onde as relações importam nesse entendimento do sujeito, entendendo com isso que a Geografia Escolar precisa considerar o espaço de vivência do aluno. A partir dessa geográfica “barra de rolagem”, o lugar é espaço de formação da identidade, conforme nos coloca a produção a seguir:

Figura 9 – Percepções sobre a categoria lugar a partir da leitura literária.



Com a leitura que fiz, pude compreender que o local onde vivemos, com quem passamos nosso dia, o que fazemos, seja para ganhar dinheiro ou apenas por gostar, os sentimentos que formam quem somos, e nós formamos o lugar onde vivemos.

Fonte: Arquivo pessoal do autor

Uma outra questão analisada diz respeito à relação de pertencimento ao lugar a partir da experiência da migração internacional vivenciada por moradores da comunidade. Para tanto, voltamos a um dos trechos do livro que abordam a temática, quando o narrador comenta sobre a atitude de Marçal Gacho, genro de Cipriano Algor, ao dizer: “O que Marçal pretendeu foi simplesmente evitar que se caísse outra e outra vez no debate sobre a espinhosa questão da mudança para o Centro, avonde temos visto como começa, avonde temos visto como costuma terminar”.

Sobre essa questão tão presente entre os moradores de Vila Nova Floresta, os alunos trouxeram contribuições a partir de suas vivências, conversando com parentes que migraram para o exterior, sobretudo EUA, buscando compreender a relação de pertencimento desses com o lugar de origem.

Para nortear o trabalho, em diálogo, definimos alguns temas e questões, que poderiam nos ajudar refletir sobre como a migração pode afetar a construção de sentidos em relação ao lugar onde vivem. A seguir listamos algumas das questões, que nortearam a conversa com os parentes em casa:

- ✓ O que te levou a sair do lugar de onde morava?
- ✓ Você sente que pertence ao lugar de onde veio (Paca)?
- ✓ Você sente que pertence onde vive hoje fora do Brasil?
- ✓ Existe aspecto do lugar antigo, que você tenta manter vivos aí?

Assim obtivemos algumas impressões que nos possibilitaram discutir o sentimento de pertencimento ao lugar, tendo como base a obra *A caverna* de José Saramago. Foram momentos de troca ao ouvir o outro e repensar o lugar de vivência.

Sobre a primeira questão, entre os alunos que trouxeram contribuições ficaram em destaque os motivos econômicos, pois a maioria lembrou das dificuldades financeiras, falta de emprego e uma preocupação em melhorar as condições de vida. O que confirma as ideias defendidas por Braga, Lima e Fazito (2010), quando afirmam que as migrações internacionais, além de serem conduzidas pelas redes sociais – familiares, comunitárias e institucionais - também são influenciadas por fatores econômicos.

O sentimento de pertencimento ao lugar da forma como é compreendido na geografia humanista por meio de diferentes autores, aparece no romance *A caverna* através da personagem Cipriano em diferentes momentos ao longo da narrativa, como por exemplo, quando a personagem caracteriza sua chegada no lugar onde mora, depois de receber a notícia de negativa em relação à compra de suas peças pelo centro. “O hábito de acenar ou parar para conversar com os amigos, sempre quando retornava das viagens”. Ele se sentia parte desse lugar era assim também visto pelas pessoas dali.

O sentimento de pertencimento ao lugar de acordo com Tuan, (1983) está ligado à experiência e à memória sendo ela individual ou coletiva. Esse mesmo autor afirma que lugar é um centro de significância. A migração interpretada a partir dessa ótica geográfica, permite valorizar a contribuição da personagem Cipriano e seus familiares na metáfora literária em *A Caverna*, para pensar esse complexo fenômeno migratório que acontece com os familiares dos alunos no lugar onde vivemos.

O sentimento de pertencimento ao lugar – Paca – também é percebido em relação aos moradores desse lugar pois segundo as contribuições durante os encontros literários com os alunos, entre a maioria dos familiares que migraram, permanece a amizade com as pessoas que ficaram, a vontade do retorno e a sensação de ser parte desse lugar.

Sayad (1998) salienta que a migração é ponto de encontro de muitas disciplinas, e que pode ser entendida como um deslocamento físico, com implicações em diferentes sentidos, socialmente, economicamente, politicamente e culturalmente. O autor destaca com isso as realizações culturais na língua e na religião.

Aproveitamos essa contribuição para destacar que alguns alunos trouxeram para nosso debate, a explicação que muitos familiares salientaram a dificuldade com

o idioma, ser um elemento que os impede de se sentirem integrados ao país onde moram. Destacando que alguns já se encontram a vários anos como imigrante e não dominam o idioma local. Os desafios impostos pelo clima e costumes locais também são evidenciados. O que nos conduz a Tuan (1983) onde afirma que o espaço se transforma em lugar na medida em que é experienciado de maneira íntima e significativa.

4 CONCLUSÃO

Esse trabalho surgiu da possibilidade de refletir o lugar de vivência na Geografia escolar usando a linguagem literária. Nesse sentido nossa proposta estabeleceu um diálogo entre a obra *A caverna* de José Saramago (2000) e a categoria lugar, tomando como referência o distrito de Vila Nova Floresta (Paca).

Para tanto foi assumido o viés teórico metodológico da geografia humanista e fenomenológica, onde o sujeito é compreendido de forma onírica. Essa abordagem do sujeito nessa perspectiva ganha força na geografia brasileira nas décadas de 70 e 80, com destaque para estudos e pesquisadores que pensavam a necessidade da mesma que poderia agregar ao desenvolvimento dessa ciência.

Durante a realização do trabalho com os alunos, foram muitos os desafios enfrentados. Desafios que vão desde a falta do hábito da leitura literária pelos alunos, ao estilo de escrita do autor ignorando a pontuação tradicional, até questões estruturais envolvendo a organização e distribuição do número de aulas de geografia por turmas e outros. Na ocasião do início do trabalho em sala, tínhamos apenas uma aula de Geografia por semana o que representava no momento uma considerável dificuldade na realização de trabalhos dessa natureza.

Iniciamos a aplicação do nosso trabalho em sala, primeiramente com a turma do 3ºAno NEM (Novo Ensino Médio). Esse novo Ensino Médio, tinha sido implementado na Escola Estadual Antônio Job da Cruz, no Ano de 2024. Se tratava de uma novidade, onde os alunos na quarta-feira tinham que estudar de forma integral. Tínhamos uma única aula na semana na quarta-feira, sendo assim, qualquer intercorrência, que impedisse a realização da aula naquele dia da semana, significaria que só na semana seguinte, conseguiríamos nos encontrar novamente. Esse

elemento foi um importante dificultador na aplicação do trabalho, com essa referida turma.

Outra importante dificuldade apresentada na implementação do trabalho com a primeira turma experienciada foi o fato de iniciarmos o trabalho no segundo semestre de 2024, o que fez com que a pesquisa fosse confrontada com outras demandas do terceiro ano do ensino médio, como formatura e preocupação com a preparação para o ENEM.

Diante das dificuldades enfrentadas nesse referido ano, optamos em decisão conjunta - pesquisador e Orientador – interromper o trabalho com essa referida turma e darmos início a um novo trabalho no ano seguinte com uma nova turma, a partir do início do ano de 2025. Assim, aproveitamos o aprendizado com essa primeira experiência, para iniciarmos um novo trabalho com a turma do 3º Ano EMTI (Ensino Médio em Tempo Integral).

Durante a realização da pesquisa, promovemos vários encontros entre a Geografia e a Literatura. Desde o café geográfico literário, para um primeiro contato com o autor José Saramago, a obra *A caverna* e a proposta de pensar a categoria lugar na perspectiva humanista a partir daquela obra, até os momentos de leitura e reflexões tomando como referência trechos do romance, assim como seus personagens, numa relação com os alunos, os moradores do distrito de Vila Nova Floresta (Paca) e o sentimento de pertencimento a este lugar.

Além das manifestações orais espontâneas durante os encontros, foram realizadas anotações e desenhos também livres, a respeito das percepções entendidas em relação a obra e ao lugar de vivência nos cadernos de anotações, oferecidos no primeiro encontro para início do trabalho, na ocasião do café Geográfico.

O desenvolvimento do trabalho nos permitiu compreender vários aspectos relacionados à categoria lugar, e com isso perceber esse mesmo lugar como sendo parte integrante de nossas vidas. A ampliação dessa forma de perceber a Geografia permitiu aos alunos do terceiro (EMTI) da Escola Estadual Antônio Job da Cruz, voltar seu olhar para a construção do lugar de vivência. Sua casa, com objetos que lembram a profissão dos pais, a rua, as atividades que fazem juntos, ou individualmente, foram debatidas e compreendidas como elementos que ajudam a formar o lugar e dessa

maneira considerando que a partir da experiência, pode transformar sensivelmente a vida, trazendo dimensões subjetivas para a formação da sua identidade.

E, se nossa pesquisa se propôs a refletir sobre a categoria geográfica Lugar, com o uso da obra literária a Caverna, não poderíamos deixar de abordar um tema tão sensível e marcante desse lugar onde moramos, que é a migração internacional. Embora o estudo não tenha sido especificamente sobre migração, acreditamos não ser possível falar de Vila Nova Floresta sem mencionar esse fenômeno, uma vez que se trata de uma característica forte entre os sujeitos desse lugar. Uma vez, que são muitos os familiares dos alunos que já migraram, sobretudo no que diz respeito à migração internacional para os EUA, Canadá e alguns países da Europa.

Nesse contexto, os alunos que contribuíram durante o estudo, relataram experiências vividas entre os familiares que se encontram na condição de imigrantes, externando sentimentos em relação ao lugar a partir das vivências na migração. Os debates sobre os relatos de experiências, agregaram muito ao desenlace do trabalho de pesquisa. Essa etapa foi importante em nossa pesquisa, por nos ajudar a caminhar no sentido de entender melhor a categoria lugar e assim o distrito de Vila Nova Floresta.

Nesse processo de pensar a migração no lugar onde moramos, a partir dos familiares, tomando como referência a obra A caverna, de José Saramago, ficaram evidenciadas algumas percepções, através dos relatos e anotações dos contribuintes, durante os momentos de diálogo. De modo que os alunos perceberam esse fenômeno migratório como um acontecimento que atravessa a experiência de vida do sujeito, sendo que a formação da identidade desses sujeitos enquanto emigrantes é marcada por elementos simbólicos e afetivos que caracterizam a categoria lugar na Geografia humanista.

De toda forma, ficou demonstrado através de nosso estudo, que é notável a contribuição da linguagem literária no ensino da Geografia Escolar. Essa percepção se fortalece quando entendemos a importância da leitura literária do livro a Caverna no processo de aprendizado geográfico da categoria lugar. Tomando como referência as experiências vividas pelas personagens, em relação às dos seus leitores no seu lugar de vivência- Vila Nova Floresta (Paca).

Esse trabalho aponta na direção de uma educação geográfica que faça diferença, que produza reflexões, que seja reconstrutiva, formal e política. O melhor entendimento do espaço de vivência dos alunos foi o que alcançamos, para que a tomada de decisões destes se alicercem também nos conhecimentos geográficos.

Temos a consciência de que esse estudo abre caminhos para novos olhares em torno do ensino da Geografia escolar, sobretudo sobre as contribuições das diferentes linguagens no ensino da categoria lugar. Assim, outros estudos podem ser desenvolvidos abordando a temática migração de maneira mais ampla a partir do lugar de vivência sobre o viés teórico da Geografia humanista. Da mesma forma outras categorias geográficas, podem ser refletidas a partir do alcance da linguagem literária.

Assim, o lugar de vivência já não é mais o mesmo, pois o olhar para esse lugar foi modificado. O sujeito se percebe como integrante desse espaço a partir de elementos simbólicos e afetivos formadores de sua identidade. A parceria entre a Geografia e a Literatura, possibilita desenvolver novas formas de perceber a categoria lugar na Geografia Escolar.

REFERÊNCIAS

ABDELMALEK, Sayad. A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade. São Paulo: Edusp, 1998.

Alves, M. Z., & Dayrell, J. (2015). Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. Educação e Pesquisa.

ALVES, Maria Zenaide. Ser alguém na vida: condição juvenil e projetos de vida de jovens moradores de um município rural da região de Governador Valadares/MG. 2013. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2013.

BATISTA, Bruno Nunes. Anotações sobre o ensino de Geografia nos anos 1960. Geo UERJ, Rio de Janeiro, n. 43, 2023. DOI: 10.12957/geouerj.2023.52849. Acesso em: 10 jan. 2025.

BRAGA, Fernando Gomes; LIMA, Everton Emmanuel Campos; REZENDE, Dimitri Fazito. Mobilidade populacional e formação de comunidades transnacionais: uma análise geoestatística da imigração internacional no Brasil. 2010.

CASTROGIOVANNI, Antônio (Org.). Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.

DARDEL, Eric. O Homem e a Terra: Natureza Da Realidade Geográfica Tradução, Werther Holzer. São Paulo. Perspectiva, 2015.

DEMO, Pedro. Pesquisa: princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez, 1991. DEMO, Pedro. Educar pela pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2002.

Djivic, M., Oatley, K., & Moldoveanu, MC (2013). Abrindo a Mente Fechada: O Efeito da Exposição à Literatura na Necessidade de Fechamento. Creativity Research Journal , 25 (2), 149–154. <https://doi.org/10.1080/10400419.2013.783735>. Acesso em: 17 jan. 2025.

GIROTTTO, Eduardo Donizeti. Dos PCNs à BNCC: o ensino de Geografia sob o domínio neoliberal. Geo UERJ, Rio de Janeiro, n. 30, p. 419–439, 2016. Disponível em: Geo UERJ - artigo de Girotto. Acesso em: 10 jan. 2025.

GUIMARÃES, I. V. Sobre os sentidos de ensinar e compreender o mundo: discurso jornalístico e ensino de Geografia. Tese, doutorado em Educação. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 2006.

MARANDOLA Jr., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (Orgs.). Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010.

MARANDOLA JR., Eduardo. Fenomenologia do Ser-Situado: Crônicas de um Verão Tropical Urbano. São Paulo: Editora UNESP, 2021.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo. Identidade e autenticidade dos lugares: o pensamento de Heidegger em Place and Placelessness, de Edward Relph. In: Anais do XIX Encontro Nacional de Geógrafos. São Paulo: AGB, 2012. p. 67–79.

PATARRA, N. L. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. Estudos avançados, São Paulo, v.20, n.57, p.7-24, 2006.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei (Orgs.). Para ensinar e aprender Geografia. São Paulo: Cortez, 2009.

PORTUGAL, Jussara Fraga (Org.). Educação Geográfica: Temas Contemporâneos. Salvador: Edufba, 2017.

SARAMAGO, J. A caverna. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2012.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: uma perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2015.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Imagens da realização do trabalho

Figura 10 – Vista da área de entrada da Escola Estadual Antônio Job da Cruz, localizada no distrito de Vila Nova Floresta.



Fonte: Autoria própria

Figura 11 – Pátio da Escola Estadual Antônio Job da Cruz



Fonte: Autoria própria

Figura 12 – Olaria de produção de peças de barro, na cidade de Governador Valadares, Minas Gerais



Fonte: Autoria própria

Figura 13 – Forno usado para cozimento das peças feitas de barro, que foram utilizadas para servir o café geográfico literário, na apresentação do livro A caverna aos alunos.



Fonte: Autoria própria

Figura 14 – Preparação da sala de aula do 3º Ano do Ensino Médio, para fazermos a apresentação do livro *A caverna* de José Saramago.



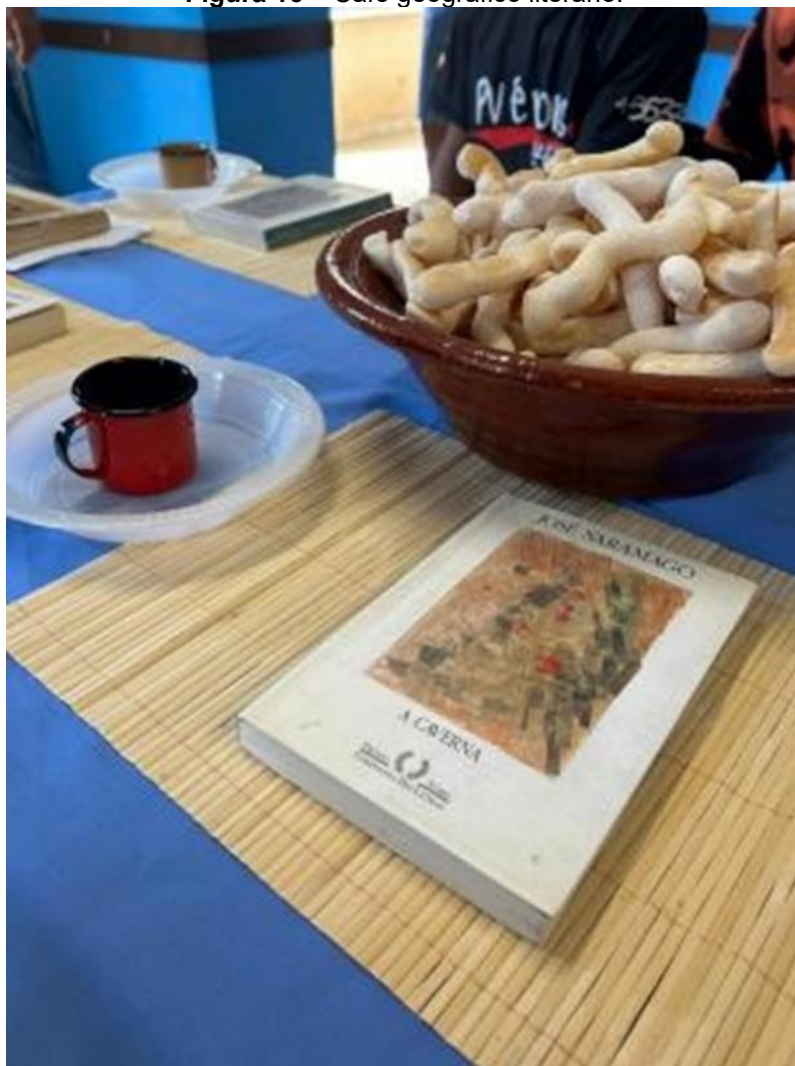
Fonte: Autoria própria

Figura 15 – Apresentação do banner, café geográfico literário.



Fonte: Autoria própria

Figura 16 – Café geográfico literário.



Fonte: Autoria própria

Figura 17 – Café geográfico literário.



Fonte: Autoria própria

Figura 18 – Café geográfico literário.



Fonte: Autoria própria

Figura 19 – Café geográfico literário.



Fonte: Autoria própria

Figura 20 – Momentos de lazer nos intervalos das leituras coletivas, debates e produções autorais.



Fonte: Autoria própria

Figura 21 – Momentos de lazer nos intervalos das leituras coletivas, debates e produções autorais.



Fonte: Autoria própria

Figura 22 – Momentos de leitura coletiva e reflexão no campo de futebol.



Fonte: Autoria própria

Figura 23 – Momentos de leitura coletiva e reflexão no campo de futebol.



Fonte: Autoria própria

Figura 24 – Momentos de leitura coletiva na biblioteca da Escola.



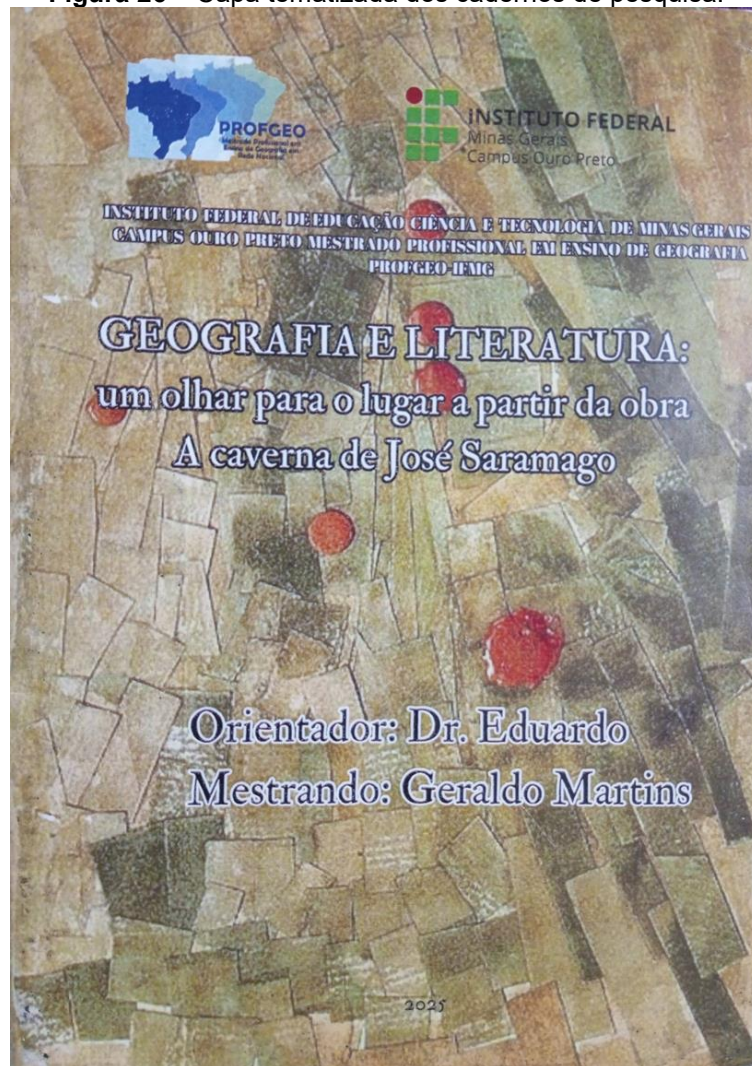
Fonte: Autoria própria

Figura 25 – Momentos de leitura coletiva na biblioteca da Escola.



Fonte: Autoria própria

Figura 26 – Capa tematizada dos cadernos de pesquisa.



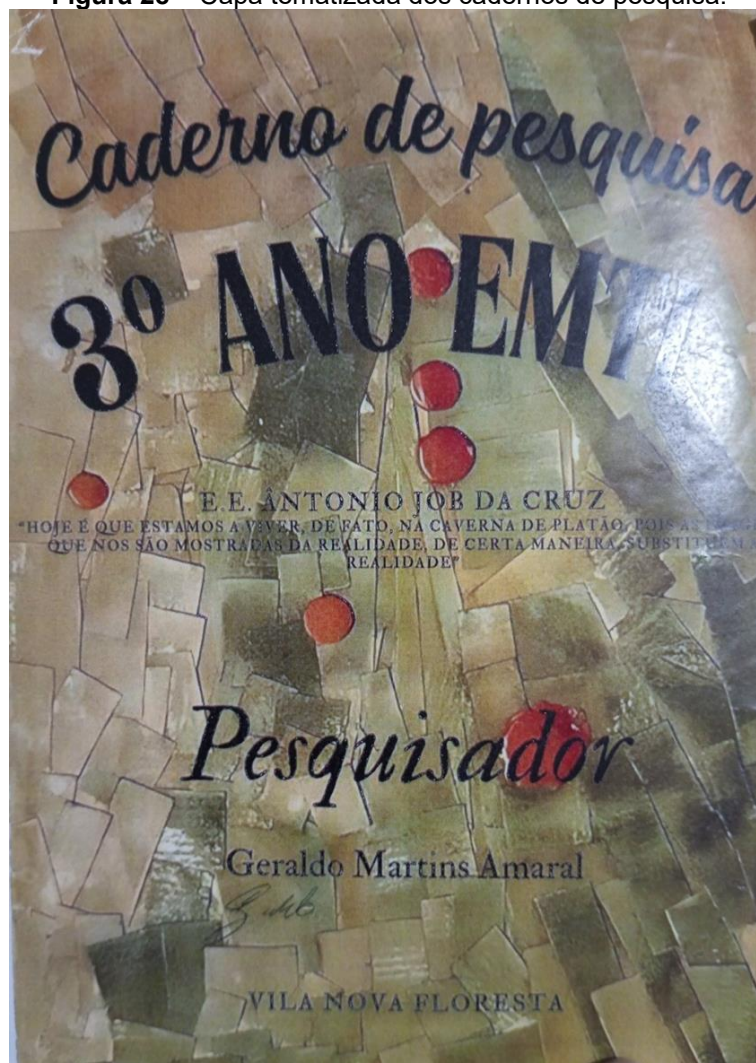
Fonte: Autoria própria

Figura 27 – Capa tematizada dos cadernos de pesquisa.



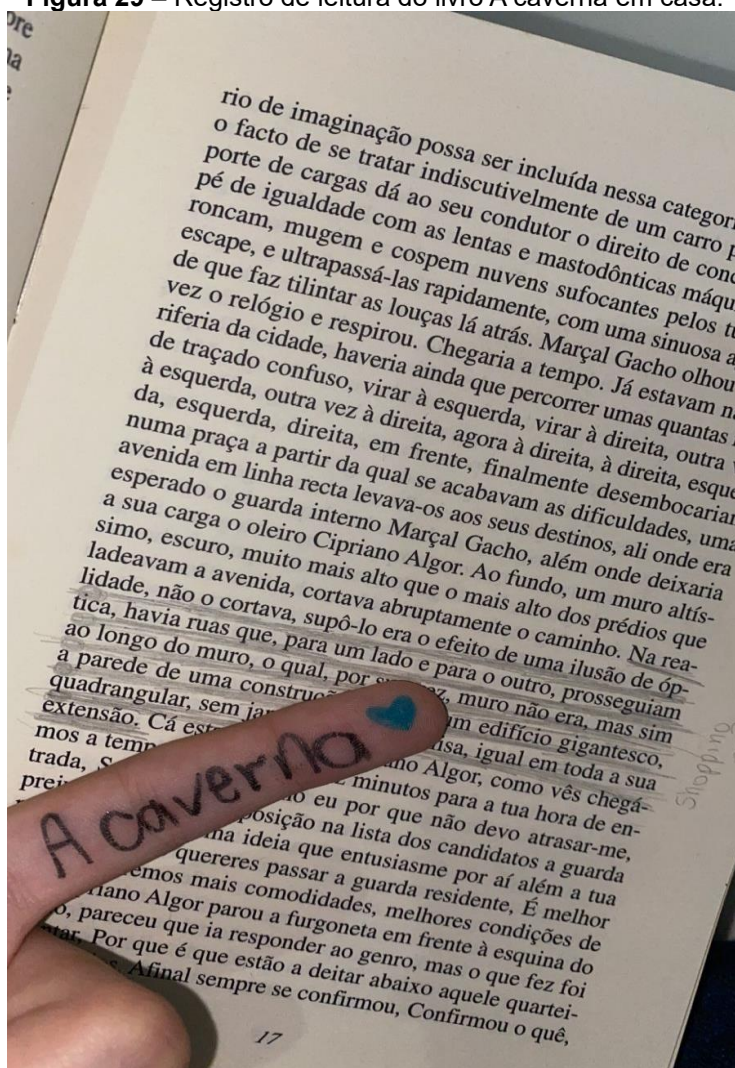
Fonte: Aatoria própria

Figura 28 – Capa tematizada dos cadernos de pesquisa.



Fonte: Autoria própria

Figura 29 – Registro de leitura do livro A caverna em casa.

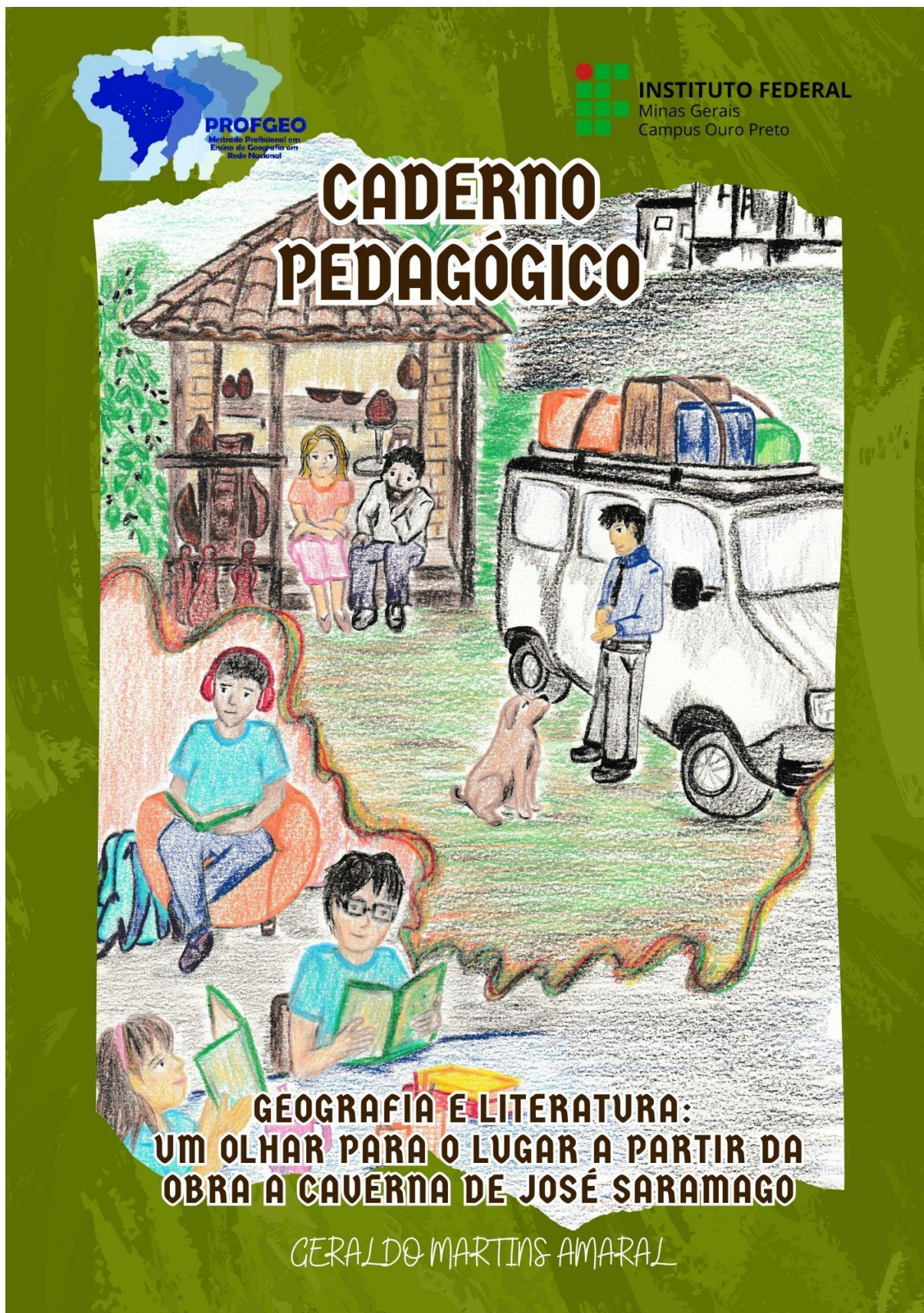


Fonte: Acervo pessoal

Figura 30 – Registro de leitura do livro A caverna em casa.



Fonte: Acervo pessoal



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DE MINAS GERAIS - CAMPUS OURO PRETO

MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE GEOGRAFIA
PROFGEO – IFMG

**GEOGRAFIA E LITERATURA: UM OLHAR PARA O LUGAR A
PARTIR DA OBRA A CAVERNA DE JOSÉ SARAMAGO**

Mestrando
Geraldo
Martins Amaral



Orientador Prof. Doutor
Eduardo Henrique
Modesto de Moraes
INSTITUTO FEDERAL
DE MINAS
GERAIS/CAMPUS
BAMBUI



Ouro Preto
2025

FICHA TÉCNICA DO PRODUTO

Título

GEOGRAFIA E LITERATURA: Um olhar para o Lugar a partir da obra A Caverna de Jose Saramago

Origem do produto

Trabalho de dissertação intitulado “Geografia e Literatura: um olhar para o lugar a partir da obra a caverna de Jose Saramago, desenvolvido no Mestrado Profissional no Ensino de Geografia em rede nacional (PROFGEO/IFMG-CAMPUS OURO PRETO)

Nível de Ensino a que se destina

Ensino Médio

Área de conhecimento

Geografia

Público alvo

Professores

Finalidade

Aprendizagem geográfica

Cidade/Estado

Ouro Preto/Minas Gerais

Ano

2025

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	4
SOBRE A CAVERNA E JOSÉ SARAMAGO.....	6
ALGUNS ESTUDOS TEÓRICOS.....	7
GEOGRAFIA E LITERATURA.....	8
A CATEGORIA LUGAR, A LITERATURA E A GEOGRAFIA HUMANISTA	10
UMA PROPOSTA DE TRABALHO.....	14
SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES.....	15
ALGUMAS SUGESTÕES.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
AGRADECIMENTOS.....	21
REFERÊNCIAS.....	22



APRESENTAÇÃO

Parceiro professor (a),

Sou professor de Educação Básica há mais de 25 anos, tendo lecionado em Escola Pública, desde as turmas do Ensino Fundamental até o Médio.

Na busca de conhecimento teórico que pudesse ajudar na melhoria de nossa realidade escolar, desenvolvi uma pesquisa em uma turma de 3º ano do Ensino Médio que deu origem à dissertação de Mestrado: GEOGRAFIA E LITERATURA: Um olhar para o lugar a partir da obra a Caverna de José Saramago.

Nesse sentido, o presente caderno de atividades pedagógicas tem a intenção de contribuir com o aprendizado geográfico do conceito de lugar, no contexto da educação básica. Para isso utilizamos a obra literária A caverna do autor José Saramago e buscamos, assim, a reflexão do aluno acerca do seu espaço de vivência, por meio de análises das personagens, visando ao aprendizado geográfico dentro dessa relação. Este caderno pedagógico foi elaborado com o objetivo de oferecer aos professores de Geografia do Ensino Médio um instrumento de apoio teórico e prático para o trabalho com a categoria geográfica "lugar" em sala de aula. A proposta aqui apresentada parte da compreensão de que o ensino de Geografia deve ultrapassar a abordagem puramente técnica do espaço, promovendo reflexões críticas sobre as experiências humanas nos espaços vividos.

Para isso, propõe-se o uso interdisciplinar do romance A Caverna, de José Saramago, como fio condutor de uma sequência de atividades que estimula o diálogo entre Geografia e Literatura.

A obra, marcada por forte simbolismo e crítica social, apresenta um cenário onde a modernização, o consumo e a lógica do mercado impactam profundamente as relações entre os sujeitos e os lugares que habitam. Por meio da trajetória de Cipriano Algor e sua família, os estudantes são convidados a refletir sobre as características do lugar de vivência das personagens, bem como o deslocamento forçado, o desenraizamento e os conflitos simbólicos no espaço urbano contemporâneo.

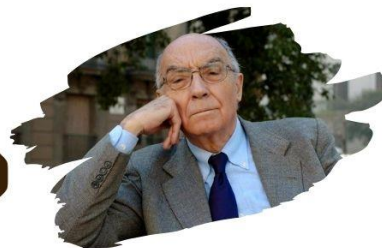
A proposta pedagógica deste caderno valoriza o lugar como espaço vivido, construído afetivamente, e carregado de significados sociais, culturais e identitários. Ao relacionar as vivências dos personagens de Saramago com a realidade dos alunos, estimula-se a produção de sentidos no lugar, promovendo outras formas de olhar a Geografia de forma crítica por meio dessa linguagem.

Este material está organizado de modo a fornecer orientações práticas de leitura, análise, debate e criação, alinhando-se às orientações teórico-metodológicas e buscando desenvolver nos estudantes habilidades de leitura crítica do espaço de vivência, construção de identidade.

Mais do que um conjunto de atividades, este caderno é um convite para que o ensino da Geografia seja vivido com sensibilidade, pensamento crítico e abertura ao diálogo entre o imaginário literário e a realidade cotidiana.

Bom trabalho e sucesso!!

SOBRE A CAVERNA E JOSÉ SARAMAGO



O autor José Saramago, escritor português, nasceu no interior, na cidade de Azinhaga em 1922. Vindo de uma família pobre, mudou-se ainda criança para cidade de Lisboa, onde viveu grande parte da vida. Exerceu várias profissões como pintor, serralheiro, tradutor, até se tornar escritor reconhecido. Publicou várias obras ao longo da carreira, abordando, refletindo e assumindo posicionamentos a partir de temas importantes, desde a crítica ao capitalismo, à valorização da sensibilidade humana, até a construção do discurso científico; tendo recebido, em 1998, o prêmio Nobel de Literatura, com o livro *Levantado do Chão*. Durante a vida, o referido autor, que faleceu em 2010, esteve presente em vários movimentos em defesa da democracia, bem como de uma sociedade com menos injustiça social.

Dentre as diversas obras publicadas elegemos para esse trabalho o romance *A Caverna*, que foi publicado no ano 2000, pela Editora Companhia das Letras.

A obra *A Caverna*, marcada por forte simbolismo e crítica social, apresenta um cenário onde a modernização, o consumo e a lógica do mercado impactam profundamente as relações entre os sujeitos e os lugares que habitam. Por meio da trajetória de Cipriano Algor e sua família, os estudantes são convidados a refletir sobre as características do lugar de vivência das personagens, bem como o deslocamento forçado, o desenraizamento e os conflitos simbólicos no espaço urbano contemporâneo.

ALGUNS ESTUDOS TEÓRICOS



GEOGRAFIA E LITERATURA



Pensar o ensino de Geografia num entrelaçamento com a Literatura, é acreditar assim como Marandola Jr (2010) que a Literatura produz um conhecimento criativo, estimulando o pensamento e a imaginação. A leitura de romances literários permite que os alunos se aproximem de diferentes espacialidades, possibilitando uma percepção mais crítica do mundo, contribuindo também numa leitura sensível. De acordo com Dardel (2015) o conhecimento geográfico, não está no livro de Geografia, mas sim está no mundo. A Geografia por meio de obras literárias explora conceitos geográficos, que associados a um aporte teórico, podem contribuir na aprendizagem do aluno.

Viagens exploratórias no século XIX, contribuíram para o desenvolvimento da ciência geográfica através de obras literárias, por meio do incentivo dos círculos de afinidade. Esse entendimento, permite compreender que tal aproximação nos dias de hoje continuam sendo positivas ao aprendizado de Geografia. Podemos citar como exemplo disso obras como Viagem ao centro da Terra escrita por Julio Verne, dentre outras.

A partir da década de 70, a Geografia Humanista e Cultural tem ganhado destaque ao valorizar a experiência do sujeito, a intersubjetividade como relevante na construção do conhecimento, para além daquela Geografia tradicional.

A categoria de análise geográfica de lugar contribui, dentro da perspectiva humanista, uma importante abordagem para compreender o espaço vivido, percebido e significado pelos sujeitos em suas experiências cotidianas. No âmbito da Geografia Escolar, essa concepção permite uma abordagem mais sensível, contribuindo para uma aprendizagem que envolve diversos conhecimentos culturais e simbólicos dos estudantes.

Com isso a linguagem literária ganha consideração, por revelar aspectos importantes no que diz respeito a diversas categorias geográficas, através das personagens, dos conflitos, assim como das narrações. Dentre as várias categorias, evidenciamos em nosso estudo a categoria Lugar, tendo em vista a comunidade em que estamos inseridos e a importância das experiências vividas pelos sujeitos nesse local.

Diante dos desafios enfrentados no aprendizado da Geografia Escolar, acreditamos que essa aproximação entre Geografia e Literatura, contribui no entendimento do aluno, de seu espaço de vivência, permitindo assim a possibilidade de uma melhor percepção e análise de diversas categorias geográficas.

Momento de leitura coletiva.



Fonte: Autoria própria



A CATEGORIA LUGAR, A LITERATURA E A GEOGRAFIA HUMANISTA

A categoria Lugar entendida a partir da Geografia humanista permite um olhar para o sujeito de forma integral, considerando experiências, bem como afetividades na construção da identidade. Nessa percepção o Espaço passa a ser um “centro de significância”, de acordo com Tuan (1980). Assim, percebemos que as relações simbólicas contribuem na construção de sentidos, e com isso na definição do conceito de Lugar. A experiência vivida é um importante elo de ligação entre o sujeito e o espaço, que dentro das atividades desenvolvidas produzem significados, sendo as experiências individuais ou coletivas contribuintes na produção de sentidos.

Nessa perspectiva a linguagem literária pode enriquecer o trabalho com essa categoria geográfica a partir de obras diversas. Especificamente neste trabalho, optamos por lançar o olhar para o Lugar de vivência, numa estreita relação com a obra *A Caverna* do autor José Saramago. Para isso, o romance- através das narrativas, personagens e conflitos vividos- serve como parâmetro em relação ao lugar em que está inserido o aluno, assim como os conflitos vividos na comunidade escolar e geral em constante interação com as relações simbólicas e afetivas desse leitor.



Na narrativa de Saramago, o espaço da olaria e a casa das personagens principais não são meras localizações. São espaços afetivos, simbólicos e experienciados, que revelam múltiplos sentidos e relações. Essa vivência do lugar corresponde ao que Edward Relph (1976, pág. 47) citado por Marandola Jr. descreve como a articulação de três elementos fundamentais: configuração física, atividades e significados. Para Relph, esses elementos são mutáveis e constituem a identidade dos lugares a partir da interação entre sujeitos e o meio. Como destaca Marandola Júnior, ao discutir a identidade e autenticidade dos lugares a partir de Heidegger, é essencial compreender como o envolvimento existencial dos sujeitos com os lugares estrutura uma vivência autêntica ou alienada (Marandola Junior, 2012).

Tiago Cavalcante aprofunda essa ideia ao afirmar que o lugar se constrói como um mosaico de significados a partir das trajetórias individuais e coletivas: “um mosaico de outros lugares por onde a gente atravessa, que se juntam fazendo deles lugar” (Cavalcante, 2021, p. 33). Assim, o lugar não é fixo, mas atravessado por memórias, afetos, ruptura e continuidades. No caso da obra de Saramago, a olaria é atravessada pelo tempo, pela modernização e pela dor do deslocamento. A mudança forçada para o Centro representa a ruptura do elo afetivo com o lugar de pertencimento, provocando na personagem principal a sensação de perda e esvaziamento.





No contexto da Geografia escolar, essa perspectiva humanista do lugar possibilita uma abordagem mais sensível e crítica, aproximando o conteúdo da realidade vivida dos estudantes. Cavalcanti (2021) destaca que o conceito de lugaridade é essencial para trabalhar a dimensão subjetiva e afetiva na formação dos alunos. Ela afirma que essa abordagem permite aos estudantes reconhecerem os lugares significativos em suas vidas e compreenderem as transformações espaciais a partir das experiências (Cavalcanti, 2021, p.87). A utilização da leitura nesse processo contribui para ampliação do repertório simbólico dos alunos e para fortalecimento de vínculos com o espaço vivido. De acordo com Marandola Junior, o lugar não é apenas um objeto de análise geográfica, mas uma condição existencial. Ele define o lugar como “centro cognitivo, afetivo e lógico do nosso mundo vivido”, sendo construído continuamente por meio das relações cotidianas (Marandola Júnior, 2021, p230). Essa concepção dialoga com a experiência das personagens de A caverna, que enfrentam a desconstrução de seu lugar de origem em nome de um progresso padronizado e impessoal. O romance revela, assim, a tensão entre o lugar vivido e os espaços produzidos pela lógica do consumo e da mercantilização.

Em Lívia de Oliveira o sentido de lugar é constituído por múltiplas dimensões – linguagem, memória, corpo, práticas sociais – e que sua compreensão exige uma leitura geográfica sensível e aberta ao diálogo interdisciplinar.

Segundo Livia “refletir sobre o lugar é refletir sobre o sentido da existência na geografia” articulando elementos simbólicos e materiais na construção do espaço vivido (Oliveira, 2012, p. 12) A literatura como campo de expressão da experiência, contribui significativamente para esse entendimento, pois carrega as geografias pessoais dos autores e personagens, permitindo ao leitor pensar seu próprio lugar.

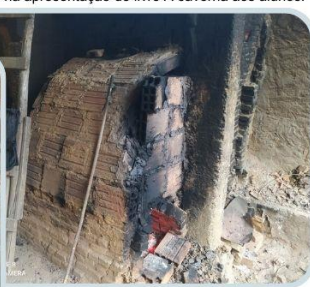
José Saramago em *A caverna*, constrói uma narrativa profundamente vinculada à experiência de deslocamento, desenraizamento e perda. A história de Cipriano Algor, oleiro que se vê forçado a abandonar sua antiga profissão diante das exigências do Centro. – Uma metáfora do avanço impessoal da modernidade globalizada – é uma poderosa alegoria sobre o esvaziamento simbólico dos lugares tradicionais. A casa, onde fica o forno a lenha usado no cozimento das peças de barro, a aldeia não são apenas cenários, mas lugares carregados de memória, história e significado para as personagens. Ao serem afetados pelas decisões do Centro de compras, esses lugares não apenas perdem sua função econômica, mas também sua função afetiva e existencial.

Forno usado para cozimento das peças feitas de barro, que serão utilizadas para servir o café geográfico literário, na apresentação do livro *A caverna* aos alunos.

Olaria de produção de peças de barro, na cidade de Governador Valadares, Minas Gerais



Fonte: Autoria própria



Fonte: Autoria própria



UMA PROPOSTA DE TRABALHO

1 CAFÉ GEOGRÁFICO LITERÁRIO

Momento inicial do trabalho em que o professor apresenta a proposta, o livro, o autor, motivando os alunos para a leitura do romance e a percepção da categoria geográfica Lugar a partir da leitura coletiva da obra.

2 LEITURA COMPARTILHADA DE TRECHOS DO TEXTO

O professor organiza então encontros geográficos literários, em que são lidos trechos da obra, identificando e analisando temas que permeiam a obra, a Geografia e o lugar de vivência dos alunos.

3 PESQUISA COM FAMILIARES SOBRE MIGRAÇÃO QUE IMPACTA O LUGAR

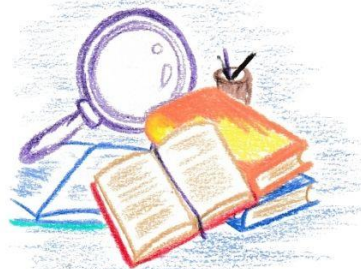
Os alunos realizam uma pesquisa com familiares sobre o tema migração, um fenômeno local, também vivido pela personagem do romance de Saramago.

4 REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA, O LUGAR E O LIVRO

Momentos de conclusão do trabalho, em que os alunos refletem sobre os temas abordados no romance, relacionando-os ao lugar de vivência, fortalecendo o sentimento de pertencimento ao lugar.

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES: DETALHANDO AS AÇÕES

“
Aqui detalharemos
cada ação, como
sugestão, mas
evidenciando que cada
professor deve adaptar
à sua realidade
escolar.
”



1 - CAFÉ GEOGRÁFICO LITERÁRIO

- Aquisição do livro a ser trabalhado, seja disponível na biblioteca da escola ou de forma particular (foi o nosso caso);
- Preparo do ambiente para o café geográfico literário, pode ser uma sala de aula, com peças de barro, alimentos produzidos na comunidade local, os livros, o banner e outros materiais que lembrem os temas do romance. (caráter de surpresa);

Preparação da sala de aula do 3º Ano do Ensino Médio,
para fazermos a apresentação do livro A caverna de José Saramago.



Fonte: Autoria própria

Olaria de produção de peças de barro, na cidade de Governador Valadares,
Minas Gerais



Fonte: Autoria própria

- Na chegada à sala, deixar que sintam o local, os materiais. Apresentar a proposta, o autor do livro, através de um power point ou outro meio, provocando os alunos para a possibilidade de trabalhar a Geografia em parceria com a Literatura;
- Entregar um livro para cada aluno, instigando a leitura de trechos aleatórios para despertar a curiosidade e interesse da turma;
- Sondar conhecimentos prévios em relação aos conceitos de Lugar, de Migração, dentre outros abordados no livro;
- Apresentar a proposta de trabalho, estabelecendo com a turma como os encontros serão realizados, as datas e locais sugeridos, de acordo com as condições da escola.

2 - LEITURA COMPARTILHADA DE TRECHOS DO LIVRO

- A partir do que foi combinado previamente no café geográfico literário, desenvolver os encontros em locais diversos (biblioteca, campo, praça, etc) com a leitura das páginas selecionadas.
- As leituras e debates podem ser intercaladas com momentos de recreação, em que os alunos aliam diversão e conhecimento.

Momento de leitura coletiva.



Fonte: Autoria própria

Brincadeiras realizadas nos intervalos de leitura e debate.



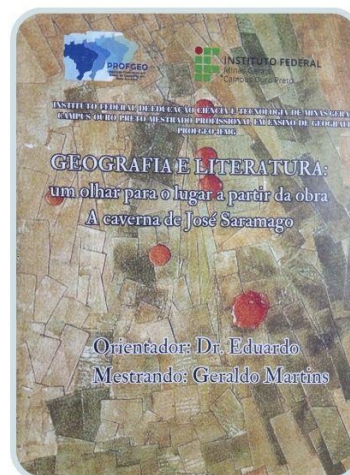
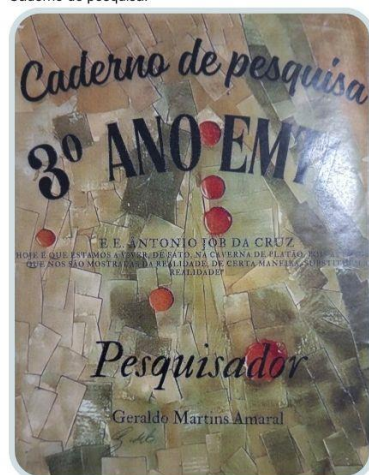
Fonte: Autoria própria

- As leituras são livres e os temas são provocados pelo professor e pelos alunos, como ponto de partida para as reflexões sobre a categoria Lugar, bem como o fenômeno migração, que permeiam o romance e os moradores da comunidade.
- A personagem Cipriano Algor deve ser evidenciada pelo professor como provocadora da discussão sobre o conceito de Lugar a partir dos conflitos vividos no romance.
- O professor deve instigar a comparação entre os conflitos vividos pela personagem e aqueles que permeiam o espaço de vivência.
- Um caderno de anotações tematizado pode ser feito para a produção autoral, o registro de impressões e pensamentos após as leituras extraclasse, que são discutidos no encontro.

3 - PESQUISA COM FAMILIARES SOBRE MIGRAÇÃO QUE IMPACTA O LUGAR

- A partir da identificação do tema Migração no romance bem como na comunidade, orientar os alunos para uma pesquisa a ser realizada com familiares, evidenciando os sentimentos e percepções dos envolvidos no fenômeno.

Caderno de pesquisa.



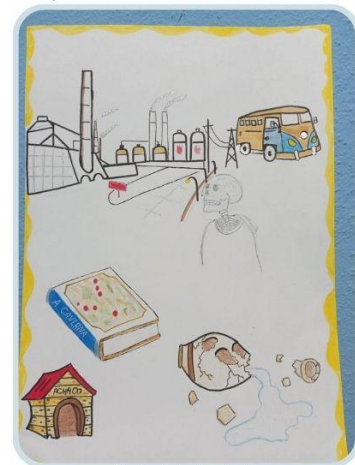
Fonte: Autoria própria

- As questões da entrevista devem ser elaboradas em conjunto com os alunos, tomando como referência o conceito de lugar a partir da perspectiva da Geografia humanista, e das vivências das personagens do romance e dos moradores locais.
- As respostas podem ser escritas no caderno de registros para a leitura durante os momentos de leitura e reflexão.

4 - REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA, O LUGAR E O LIVRO

- Os últimos encontros servirão para consolidar a noção de Lugar, de pertencimento a esse lugar, tomando com base as atividades realizadas.
- As perguntas da entrevista podem girar em torno de questões como, por exemplo, motivações para a saída, desafios enfrentados fora do lugar de vivências, sentimentos em relação ao seu lugar, entre outras.

Produção autoral de aluno.



Fonte: Autoria própria

- As respostas dos familiares dos alunos sobre as questões devem ser tomadas como referência para a discussão sobre o pertencimento ao Lugar de vivências.
- O conceito geográfico de Lugar deve então ser retomado para a análise e consolidação comparando o romance e a comunidade local.
- Pode-se realizar um último encontro com um café geográfico solidário, com propostas de novas leituras e novos conceitos geográficos.

Café geográfico.



Fonte: Autoria própria

ALGUMAS SUGESTÕES

- 1 OUTROS TEMAS**

Além da categoria geográfica Lugar, outros conceitos podem ser trabalhados a partir da interação entre Literatura e Geografia, como por exemplo, paisagem, território, região e outros
- 2 RECURSOS TECNOLÓGICOS**

Podem ser criados questionários através de ferramentas disponíveis como o google forms, além de encontros geográfico literários virtuais pelo meet ou outras formas de utilizar a tecnologia a favor da educação, conforme a capacidade do professor.
- 3 PRODUÇÃO TEXTUAL**

Conforme o planejamento do professor, podem ser produzidos diversos textos pelos alunos em equipe ou individualmente para o registro das reflexões, como por exemplo, cartazes, poemas, artigos de opinião ou outros gêneros textuais.
- 4 MAIS OBRAS LITERÁRIAS**

Obras literárias oferecem oportunidades importantes para a discussão de conceitos geográficos. Assim como A Caverna de José Saramago, citamos Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto, Grande sertão Veredas de João Guimarães Rosa dentre tantos outros que discutem temas caros para a Geografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de trabalho aqui apresentada evidencia uma possibilidade de aliar o ensino de Geografia em interação com obras de Literatura, percebendo como oportunidade de reflexão de temas e conceitos que são caros para os estudos geográficos ao mesmo tempo em que são vivenciados por personagens de obras literárias diversas.

A busca pelos estudos teóricos é fundamental para o trabalho, pois orienta o professor no caminho a ser percorrido, os objetivos, estratégias e reflexões possíveis.

Da mesma forma, o interesse pela Literatura é marca importante para o sucesso das ações, pois o professor é capaz de motivar os alunos para leituras diversas da obra e da realidade em que está inserido.

Os desafios também se fazem presentes diante de uma proposta ousada, mas é exatamente o que nos motiva para a correção de rotas e (re)planejamento de ações, porque o que importa de fato é ampliar horizontes para a aprendizagem da Geografia e a contribuição na formação do aluno como um todo.

Outras propostas de trabalho devem ser construídas, buscando aliar áreas e temas em busca de um ensino de Geografia mais profícuo e eficaz.



AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que trabalham na escola Estadual Antônio Job da Cruz, que fazem essa engrenagem educacional funcionar.

De forma especial agradeço as pessoas que trabalham na cantina e ajudaram a preparar um delicioso café Geográfico Literário servido aos alunos, que foi elemento essencial ao início do trabalho.

Aos professores que gentilmente, cediam seus horários para as aulas de Geografia, quando solicitados.

Meus agradecimentos aos alunos do 3º ANO EMTI e seus familiares.

Agradeço também à Dona Lurdes, que preparou com muito carinho os biscoitos e rosquinhas servidas durante o café.

À Minha esposa Silvana, que com sua criatividade acima da média, ajudou muito na organização do café, bem como de outros momentos, durante o curso da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ABDELMALEK, Sayad. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

ALVES, M. Z., & Dayrell, J. **Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. Educação e Pesquisa**. 2015

ALVES, Maria Zenaide. **Ser alguém na vida: condição juvenil e projetos de vida de jovens moradores de um município rural da região de Governador Valadares/MG**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2013.

BRAGA, Fernando Gomes; LIMA, Everton Emmanuel Campos; REZENDE, Dimitri Fazito. **Mobilidade populacional e formação de comunidades transnacionais: uma análise geoestatística da imigração internacional no Brasil**. 2010.

CASTROGIOVANNI, Antônio (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: Natureza Da Realidade Geográfica**. Tradução, Werther Holzer. São Paulo. Perspectiva, 2015.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 1991.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2002.

Djikic, M., Oatley, K., & Moldoveanu, MC (2013). **Abrindo a Mente Fechada: O Efeito da Exposição à Literatura na Necessidade de Fechamento**. *Creativity Research Journal* , 25 (2), 149–154.
<https://doi.org/10.1080/10400419.2013.783735>

GUIMARÃES, I. V. **Sobre os sentidos de ensinar e compreender o mundo: discurso jornalístico e ensino de Geografia**. Tese, dourado em Educação. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 2006.

MARANDOLA Jr., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (Orgs.). **Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EDUEL, 2010.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Fenomenologia do Ser-Situado: Crônicas de um Verão Tropical Urbano**. São Paulo: Editora UNESP, 2021.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo. **Identidade e autenticidade dos lugares: o pensamento de Heidegger em Place and Placelessness, de Edward Relph**. In: *Anais do XIX Encontro Nacional de Geógrafos*. São Paulo: AGB, 2012. p. 67–79.

PATARRA, N. L. **Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais**. *Estudos avançados*, São Paulo, v.20, n.57, p.7-24, 2006.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei (Orgs.). **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2009.

PORTUGAL, Jussara Fraga (Org.). **Educação Geográfica: Temas Contemporâneos**. Salvador: Edefba, 2017.

SARAMAGO, J. **A caverna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: uma perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2015.



INSTITUTO FEDERAL
Minas Gerais
Campus Ouro Preto

Ouro Preto
2025